1.º RELATORIO

INVESTIGAÇÕES SOBRE A CIVILISAÇÃO ÁRYA-HINDU

INVESTIGAÇÕES

SOBRE O

CARACTER DA CIVILISAÇÃO ÁRYA-HINDU

POR

G. DE VASCONCELLOS ABREU

Bacharel em Mathematica pela Universidade de Coimbra
Ex-engenheiro Naval, Officier d'Académie, Membro da Sociedade Asiatica e da de Anthropologia de París
Membro do Jury e um dos Secretarios Geraes do Congresso Internacional de Sciencias Geographicas em París em 1875
e actualmente encarregado do Curso de Lingua e Litteratura Sãoskrita classica e vedica
no Curso Superior de Lettras

In the history of the world the Veda fills a gap which no literary work in any other language could fill.
Max Muller «A Hist. of Anc. Sk. Lit.», prim. ed., pag. 63.

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1878

RELATORIO

ÁCERCA DO

PRIMEIRO ANNO DE ESTUDOS ORIENTAES FEITOS EM FRANÇA E ALLEMANHA

ENVIADO DE PARÍS EM 1877

AO

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

JOÃO DE ANDRADE CORVO

Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros
e dos da Marinha e Ultramar

No presente relatorio, a transcripção dos caracteres dévanágricos fez-se de dois modos: um *scientifico*, geral, symbolisando, em caracteres romanos por artificio de pontos e outros signaes graphicos suprapostos ou subpostos ás lettras, a phonia sãoskritica; outro *accomodativo á pronúncia portugueza.* Ambos estes modos de transcripção vão indicados no quadro seguinte onde o leitor verá os caracteres dévanágricos correspondentes ás transcripções.

Á representação graphica scientifica damos o nome de *transcripção;* á particular, e accomodativa á pronúncia portugueza damos o nome de *translitteração*, porque representamos sons em maior numero do que os existentes na linguagem portugueza por lettras do alphabeto d'esta lingua.

Em toda a translitteração h representa aspiração, excepto em *nh* representação graphica portugueza da nasal palatal; ph sôa pois como em inglez no vocabulo u*ph*ill.

Temos em portuguez o som ṡ mas não o signal graphico; quando inicial de syllaba, devemos usar da translitteração *ch;* quando final, da translitteração s (que sôa ṡ em portuguez).

Se ħ for médio e seguido de consoante deve ser representado na translitteração pela vogal precedente repetida; assim: दुःषंतः duħṣantaħ, Duuxantas.

Na transcripção â, î, ... representam *crase.* Na translitteração o accento ´ tem o valor portuguez.

O ˜ recae sobre vogal ou diphthongo como em portuguez.

SYLLABARIO DÉVANÁGRICO

॥ देवनागरी ॥

TRANSCRIPÇÃO SCIENTIFICA E TRANSLITTERAÇÃO EM PORTUGUEZ

Vogaes

Devanágarí		Transcripção	Translit.
अ	–	ă	a
आ	ा	ā	á
इ	ि	ĭ	i
ई	ी	ī	í
उ	ु	ŭ	u
ऊ	ू	ū	ú
ऋ	ृ	r̥̆	ri
ॠ	ॄ	r̥̄	ri
ऌ	ॢ	l̥	li
ॡ	ॣ	–	–
ए	े	e	é
ऐ	ै	æ	ai
ओ	ो	o	ó
औ	ौ	œ	au

Consoantes

Devanágarí	Transcripção	Translit.	Devanágarí	Transcripção	Translit.
क	ka	ka	प	pa	pa
ख	kha	kha	फ	pha	pha
ग	ga	ga	ब	ba	ba
घ	gha	gha	भ	bha	bha
ङ	ṅa	na	म	ma	ma
च	k̇a	tcha	य	ja	ya
छ	k̇ha	tchha	र	ra	ra
ज	ġa	dja	ल	la	la
झ	ġha	djha	व	va	va
ञ	ṅa	nha			
ट	ṭa	ta	श	ṡa	cha
ठ	ṭha	tha	ष	ṣa	xa
ड	ḍa	da	स	sa	sa
ढ	ḍha	dha	ह	ha	ha
ण	ṇa	na			
त	ta	ta	ं	~	–
थ	tha	tha	ँ	~	~
द	da	da	ः	ḥ	s
ध	dha	dha	ऽ	'	'
न	na	na			

Errata

Deixa-se ao cuidado do leitor emendar erros typographicos faceis de encontrar, taes: gassagem (pag. 10, nota 1) *por* passagem — de Cambodja (pag. 15, lin. 8) *por* do Cambodja — *Tchaítya* (pag. 19, nota 2) por *Tchaitya*; — e em linguagem estrangeira: biginning (pag. 9, linha 7 debaixo) *por* beginning — Accent (pag. 55, nota 3) *por* Accents etc.

Pede-se emende o leitor: aryas *para* áryas, *passim*; e Hindukos *para* Hindukôs, *passim*.

E mencionam-se como erros principaes:

Pag.	Lin.	Erro	Emenda
12	25	effectivas	affectivas
17	16	Καμβυσες	Καμβυσης
18	16 *(da nota 1)*	Pileser II	Pileser I
29	4	podemos	podêmos
29	*nota* 3	humahe	hūmahe
30	8 *(da nota 4)*	dos dois aranī	das duas aranī
30	10 *(id.)*	O arani	A arani
36	10	aryo-hindus	áryas-hindus
41	20	aditja (Aditya)	āditja (Áditya)
41	3 *(da nota 3)*	ás aguas, apta «aquoso»	ás aguas apta, «aquoso»
44	14	vaego	vaeġo
44	4 e 5 *(da nota de pag. 43)*	brātr̥-	bhrātr̥-
44	12 *(id.)*	unisse	unir
45	10	vr̥̄ṣabhā	vr̥ṣabhā
45	14	br̥̄hataḥ	br̥hataḥ
53		bhu - va	bhu - va
53	2 *(debaixo)*	pr̥̄thivjām	pr̥thivjām

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor:

अल्पारंभः क्षेमकरः

Omne principium est debile.

Por desejo de satisfazer um dever que a minha consciencia me impõe, ainda que me não obrigue determinação escripta, tenho a honra de relatar a v. ex.ª o modo pelo qual empreguei o primeiro anno passado em paizes estrangeiros em cumprimento da portaria do ministerio dos negocios estrangeiros de 16 de março de 1875.

Por ella tive eu a recompensa de alguns sacrificios, que fiz, occupando horas de descanso necessario, e distrahindo capitaes que me tornariam a vida menos difficil, no estudo de linguas, historia e litteraturas orientaes, por assim dizer, desconhecidas em Portugal. Mas não fallarei mais d'isto; a recompensa é superior. Cumpre-me pois dar conta de como correspondo ás vantagens d'ella.

PRIMEIRA PARTE

Cheguei a París em meado de maio de 1875. Os cursos de *Philologia oriental* estavam quasi findos. Era portanto impossivel que eu aproveitasse do anno lectivo de 1874–75 o semestre de verão. Professava, porém, Abel Bergaigne na escola dos «Hautes Études» um curso de historia da litteratura antiga da India. Não me era estranho o nome do moço professor; antes me havia despertado sympathias a leitura de alguns artigos seus que fazem parte da excellente collecção «Mémoires de la Société de Linguistique de Paris[1]», e de trabalhos taes como «Bhâminî-Vilâsa» texto sãoskrito publicado e traduzido em 1872 por elle[2]. Ouvi com interesse algumas lições feitas por tão estudioso moço sobre os grammaticos hindus[3]. Colhi doutrina que mais tarde, pelas notas tomadas durante a sua exposição, achei de grande auxilio no trabalho que principiei ácerca de Pâṇini[4].

1 A sociedade de linguistica de París, constituida em 1865, auctorisada em 1866 e considerada de utilidade publica em 1876, tem por fim o estudo da linguagem, lendas, tradições, costumes e documentos que possam interessar a ethnographia. É uma das sociedades mais consideradas em França e na Europa. A publicação das suas memorias data de 1868, a redacção das quaes tem sido sempre dirigida pelo methodo historico-comparativo.

2 É o segundo fasciculo da *Bibliothèque de l'École des Hautes Études.*

3 Este curso de Bergaigne era seguido por alguns homens habeis já nos estudos orientaes, e hoje até sãoskritologos, assim Paul Regnaud. Bergaigne contava entre os seus ouvintes o homem que fôra seu mestre de sãoskrito, Hauvette-Besnault, professor de *sãoskrito classico* na escola e director adjunto.

4 O maior dos grammaticos conhecidos da India antiga. A sua obra é ainda hoje a maior auctoridade em grammatica sãoskrita. Segundo Goldstücker «*Pânini, his place in Sanscrit Literature*» (Londres, 1861), Pâṇini viveu antes de Chákyamuni, o fundador do buddhismo, cuja morte se data do anno 543 A. C.

Um dos caracteres de Bergaigne é a liberalidade, por assim dizer, inconsciente por natural e espontanea, com que elle ensina e dá o que tanto custa a adquirir, prodigalisando até os fructos proprios e exclusivos do seu trabalho rigoroso em methodo e original em resultados. Sabendo elle que eu nunca tinha conversado com quem podesse *tirar-me uma duvida* no estudo do sãoskrito, convidou-me a mostrar-lhe alguma traducção que eu tivesse feito, e propoz-me traduzir eu pela Selecta de Lassen e elle corrigir o meu trabalho. Foi assim que traduzi, analysei e expliquei segundo todo o rigor do methodo o primeiro *contosinho*, kathānaka de Vetála[1], dos cinco que se encontram na «Anthologia Sanscritica» de Christiano Lassen, emendei traducções que tinha feito em Portugal, e comecei a traducção do Hitopadeṡa[2].

Orientalistas, porém, de não menor nota, julgam não poder marcar seculo anterior ao IV A. C. como epocha
em que viveu Pāṇini.
A sua obra é uma das mais originaes, se não a mais original da intelligencia hindu. E bem revela como
antes de Pāṇini os *panditas* tinham estudado a grammatica, não como um meio para os estudos philologi-
cos, mas fim, como sciencia ella mesma. O que fez dizer a Goldstücker que a grammatica de Pāṇini era a his-
toria natural do sãoskrito.
Foram predecessores de Pāṇini, e elle mesmo os menciona, Āpiṡali, Bhāradwāġa, Ḱākra-
varmaṇa, Kāṡjapa, etc.
A obra de Pāṇini foi commentada na Europa e publicada por Böhthingk em edição de 2 vol., 8.º,
1839-1840 (Bonn.)

1 *Vetála* é, segundo o diccionario de S. Petersburgo, a designação *eines Dämons, der von todten Körpern*
Besitz nimmt und sich derselben als Hülle bedient. A feição caracteristica dos *Vetálas,* porém, não é a de se-
rem *demonios,* nem *vampiros,* como alguns outros traduzem. O *Vetála* que conta os 25 contos a *Vikramáditya*
é um ente inoffensivo. É crença na India que o espirito de uma pessoa morta vae habitar o corpo de outrem,
ou se apodera de um corpo qualquer entrando nelle e animando-o. É a estes espiritos que se chama *Vetálas,*
Bhútas, etc. Vide a traducção ingleza feita por A. K. Torbes, *Essay on Demonology of Guzerat* do livro de
Dalpatram Daya. Na litteratura sãoskrita não conheço nada que nos leve a attribuir aos *Vetálas* o caracter
absoluto malfazejo dos *vampiros* e *demonios. Vetála* é mais um *espirito,* uma *apparição,* uma *sombra,* um *phan-*
tasma, uma *alma penada;* participa o caracter dos *Manes* e dos *Lemures;* podemos mesmo traduzir por *lemur*
por não ser esta designação exclusiva de *trasgos* e *duendes*—ex. em Ovidio, etc.
As collecções de contos como os 25 do *Vetála,* que os conta a *Vikramáditya,* são numerosas. As mais
importantes são:
Kathā-sarit-sāgara, publicado pelo dr. Hermann Brockhaus—*Die Märchensam. d. Sri Soma-*
deva Bhatta aus Kaschmir (Leipsic, 1839-1866), tirados de outra collecção em maior numero intitulada
Vṛhat-kathā;
Vetāla-pañḱavīṡatikā de que conheço duas recensões de *Chivadása* e uma de *Djambhala*
Bhatta; e de que ha traducções em muitas das linguas vernaculas da India da familia *árica* e em *tamil* e *te-*
lugo; é original da collecção *hindi* conhecida pelo nome de Batal-pakisī;
Sīhāsana-dwātrīṡat ou °-puttrikā-vārttā, 32 contos em honra de Vikramáditya; é
o original da collecção *Bengáli* Batriṡ-sīhāsan;
E Ṡuka-saptati, 70 contos de um papagaio, original da collecção *hindústáni* Totā-kahānī
de *Saiyid Haidar Bakhsh* (1801, por ordem de *Gilchrist),* o qual a traduziu ou imitou da versão persa de
Kádiri (1793), resumo já de outra tambem persa de *Nakshabi* (1330) intitulada Tuti-nāma. *George*
Small traduziu (1875) em inglez a imitação (?) ou traducção (?) de *Bakhsh.*
Estas collecções de contos são importantissimas para o estudo do desenvolvimento da psychologia social.
Alguns d'estes contos se encontram com a sua feição caracteristica na bôca do nosso povo. Vejam-se os estu-
dos de Francisco Adolpho Coelho na *Harpa* (Porto) «Os contos de Gonçalo Fernandes Tran-
coso; no *Cenaculo* (Lisboa) «Belphegor», etc. Francisco Adolpho Coelho é moço ainda, mas já co-
nhecido na Europa como romanista. Estes seus estudos de mythologia são mais uma prova do seu grande
talento. O governo de Sua Magestade carece de aproveitar este grande trabalhador, para honra do paiz e pro-
veito dos estudos em Portugal.

2 O texto mais importante no estudo dos elementos do sãoskrito classico por formar como que uns lo-
gares selectos. É uma collecção de fabulas, sentenças moraes e preceitos, combinando-se o estylo descriptivo,

O methodo vale muitas vezes mais do que a investigação, como diz C. Vogt. As minhas investigações feitas quando a minha vida official m'o permittia, sempre sem horas certas, muitas vezes interrompidas durante mezes, careciam evidentemente do methodo rigoroso por cuja falta tudo é esteril, e da continuidade sem o que não ha progresso. Tinham-me dado apenas conhecimentos sufficientes para eu penetrar nas difficuldades de alguns textos. Bergaigne, fazendo-me notar em que eu me afastava do methodo scientifico que eu não desconhecia nos estudos feitos commigo só e a que de todo depois me subjeitei, ordenou-me tudo quanto até áquelle momento andára sem a ordem que consolida.

A este tempo tinha eu lido o nome de Martinho Haug citado como o do orientalista que melhor conhecia o zenda, e as ceremonias dos sacrificios hindus. Saíndo então um dia da sala das lições de Bergaigne, onde se fallára do sacrificio de *soma*[1], conversámos ambos a respeito de Haug. Bergaigne fazendo justiça a este grande vulto, inclinava-se, porém, a que eu devia antes ouvir Weber, de Berlim. Mas eu seduzido pelo valor de Haug na explicação do ritual dos sacrificios, importantissima para o estudo da mythologia comparativa[2], e levado, pela leitura que fazia das obras de Goldstücker, a crer (e ainda hoje o creio) que jamais se interpretará o Rigvêda

narrativo e didactico de differentes auctores. A obra é dividida em quatro partes afóra uma breve introduc-
ção, as quaes são: 1.ª, mitra-lābha «acquisição dos amigos»; 2.ª suhṛd-bheda «separação dos
amigos»; 3.ª vigraha «guerra»; 4.ª sandhi «união, paz».
A sua fonte principal é o Pañḱa-tantra *(panhtcha-tantra)* «Os cinco livros», collecção de apolo-
gos sãoskritos que segundo parece não foram estranhos a Esopo e a Lukmán.
Tanto o *Hitopadecha* como o *Panhtchatantra* têem sido traduzidos e imitados em quasi todas as linguas
do mundo culto: em *hebreu,* em *syriaco,* em *persa,* em *turco,* em *pahlavi,* sem fallar das linguas modernas
da India, nem das classicas e modernas da Europa.
De todas a que parece ter sido a primeira e verdadeiramente versão, foi a *pahlavi,* feita no tempo de
Nushírván, em 570 P. C., perdida por motivo da invasão arabe na Persia. Tinha, porém, sido traduzida esta
versão para a lingua arabe em 760. É esta traducção que se conhece pelo nome de Kalila wa Dāmna,
collecção attribuida ao brâhmane Bidpai.
D'este livro foi publicada ultimamente na Allemanha o texto da versão syriaca com a traducção em al-
lemão por Gustavo Bickell (Leipzig, Brockhaus, 1876). Enriqueceu este trabalho com uma preciosa introduc-
ção (pag. I-CXLVII) o grande orientalista Theodoro Benfey, na qual continúa a dar aos estudiosos ensinamento
importante, já tão larga e esclarecidamente derramado em todo o primeiro volume (XLIII, 611) da sua esplen-
dida obra sobre o Pañḱatantra (2 vol., Leipzig, 1859, Brockhaus).

1 Segundo, Roxburgh—*Flora indica,* vol. II, pag. 32, é a *asclepias acida.* É mais conhecida hoje pelo
nome de *sarcostema viminalis* ou *sarcostema brevistigma.* A *viminalis,* segundo Haug, não é da India, mas do
Cabo da Boa Esperança. Em Puna, onde Haug viveu, a planta *soma* que se encontra é a *intermedium.* A sua
altura maxima é de 5 pés; não tem folhas. Nos ramos superiores contém um succo lacteo, que segundo Rox-
burgh é n'esta planta mais abundante do que em nenhuma outra d'elle conhecida, e tem um sabor doce-agre.
Haug dizia-me que a flor é doce, mas que o succo colhido dos ramos espremidos é amargo. As flores têem o
perfume do jasmim.
A parte empregada na preparação do *soma dos sacrificios* é a dos ramos, não a do tronco. Aos ramos
chama-se āṣu (leia-se *aõchu)* em sãoskrito, e em zenda āṣavo (no plural). O licor preparado com esta
planta tem propriedades inebriantes e narcoticas. Segundo o *Rik* é elle o inspirador do poeta, a força e a co-
ragem do guerreiro, e a immortalidade nos deuses; é o calor que anima, a luz que dissipa as trevas, o brilho
no sol; é elle que levanta o firmamento, é elle que sustenta a terra. Vide Muir—*Original Sanskrit Texts,*
vol. V, e em resumo, por ex., o artigo *Soma* na *Chamber's Encyclopædia.*
É provavel que a planta hoje chamada *soma* não seja o *soma vedico* nem o *haoma avestico.* No *Rik* X,
34, 1, menciona-se o monte Mūġavat onde cresce o *soma.*

2 A portaria reconhece a mythologia comparativa como um dos estudos sobre que assenta a renovação
intellectual, e util para o conhecimento do estado social e moral dos indigenas das colonias. A quem julgar o

sem o perfeito conhecimento do ritual hindu, preferi Haug a Weber, e communiquei depois a Bergaigne a minha intenção de partir para Munich.

Ao que me respondeu Bergaigne com a seguinte carta:

Paris le 10 août 1875.—Cher Monsieur Vasconcellos.—Je crois que vous avez raison d'aller demander des leçons aux premiers indianistes de l'Allemagne. C'est dans ce pays, nous sommes bien obligés de le reconnaître, qu'on paru, surtout depuis une vingtaine d'années, les travaux les plus importants sur le domaine des études sanskrites, et les auteurs de ces travaux vous sont naturellement désignés comme les maîtres dont l'enseignement peut être le plus profitable. Mr. Haug, que vous vous proposez de visiter d'abord, a l'avantage de parler *de visu* des choses de l'Inde, et il passe pour un excellent professeur. Mais vous voudrez sans doute entendre aussi tour-à-tour les Weber, les Roth et les Benfey. Vous arrivez en Allemagne avec une première préparation qui vous permettra de suivre les cours avec fruit dès le début. Les cahiers que vous m'avez montrés (trabalhos feitos em Portugal—excerptos do Rāmāyaṇa e capitulos do episodio de Nala; a traducção do primeiro kathānaka de Vetala feita em Paris, bem como a da introducção do Hitopadeśa e parte do mitra-lābha), m'ont prouvé que vous aviez compris quel degré de précision il faut porter dans l'étude de la grammaire sanskrite. La méthode rigoureuse à laquelle vous avez su vous soumettre et que vous avez déjà parfaitement appliquée dans ces premiers essais sont la meilleure garantie du progrès rapide que vous ne manquerez pas de faire.

J'espère que vous me tiendrez au courant de ce progrès et en même temps du mouvement d'études au milieu duquel vous allez vivre.

Veuillez agréer, cher Monsieur, etc.=(Assignado), *Bergaigne.*

Antes de dar conta do que fiz em Munich para o desempenho da minha missão, tenho a relatar algumas observações a que deu logar ter eu acceitado a honra que o ministro de Sua Magestade Fidelissima, s. ex.ª o sr. conselheiro Mendes Leal, me fez, nomeando-me membro do jury na exposição do congresso internacional de sciencias geographicas em París, em 1875.

Estas observações interessam a missão de que fui encarregado pela portaria. Muitas outras podia eu fazer aqui a proposito d'aquella exposição e d'aquelle congresso. Mas bem que fosse eu o unico portuguez que teve parte nos trabalhos do jury não me compete escrever o relatorio que respeita ao congresso e á exposição [9].

contrario apontarei o modo por que o governo inglez procede no ultramar, o interesse que tomam os missionarios no estudo dos proverbios, das crenças, lendas, etc., da Africa, do Hindostão, da China, etc.

Kuhn é o creador da mythologia comparativa. Logo depois de *Rosen* ter explicado alguns hymnos do *Rigveda, Kuhn* provou pelos seus trabalhos sobre Erinnyis, Despoena e Athene, os Centauros, Minos, Orpheu, etc., que estes nomes e os mythos correspondentes têem seus identicos nos Vedas. Á agudeza do seu espirito investigador ajudado pelo methodo historico-comparativo se deve o ter-se descoberto o peculio commum de crenças áricas, e o ter-se chegado ao conhecimento positivo das origens de algumas d'ellas.

[9] O sr. José Julio Rodrigues chegou a París quando os trabalhos do jury (não secções ou *grupos)* tinham terminado. Depois a disposição dos objectos da exposição portugueza absorveu-lhe o tempo de que elle poderia dispor, e *creio* não lhe permittiu entrar nas discussões dos differentes grupos. Eu só tive parte nos trabalhos da 4.ª secção (IV—Groupe historique: géographie historique et histoire de la géographie, ethnographie, philologie), alem dos trabalhos do secretariado geral, por fazer parte do *Bureau Central* como um dos secretarios geraes. José Julio entrou commigo nas reuniões para a discussão das distribuições das recompensas.

Não posso deixar de encarecer aqui a activa diligencia do sr. conselheiro Mendes Leal sem a qual todos os trabalhos teriam sido baldados depois de tanta demora (devida a causas conhecidas) na chegada dos objectos para a exposição. Referindo-se á parte que nella tivemos, disse o ministro Wallon, no seu discurso, que a nossa exposição tinha sido *improvisada.*

Estando em París não deixaria eu, por certo, de seguir com interesse o congresso; assim, cuidei logo de me fazer inscrever como membro d'elle. Membro do jury, mais facil me foi satisfazer o desejo que tinha de examinar detidamente alguns dos objectos expostos. Não quero fazer a critica da exposição. Interessava-me naturalmente a parte ingleza relativa á India, e a russa relativa ao Oriente. A muitos que não eram meros visitantes curiosos seduziu a exposição russa, e admirou a pequenez da ingleza. Effectivamente esta foi deficiente. A Inglaterra ficou vencida, segundo a opinião de homens muito doutos, neste certamen scientifico, pela sua rival a Russia. Mas é opinião minha que a exposição russa era mais seductoramente brilhante do que valiosa scientificamente. A exposição ingleza comprovou os grandes dotes colonisadores e administrativos da Inglaterra; e sem deslumbramento era valiosissima. Os trabalhos geodesicos, estatisticos, ethnographicos, geographicos e archeologicos dos inglezes na India tinham ali documentos preciosos. É de crer que no ministerio da marinha, em Lisboa, sejam conhecidos estes trabalhos, ou pelo menos os relatorios de Clements Markham «East India Progress and Condition. Statement of exhibiting the Moral and Material Progress and Condition of India» por assim dizer, resumo d'elles. Se acaso ahi são ignorados estes excellentes relatorios, ouso chamar para elles a attenção de v. ex.ª, ill.ᵐᵒ e ex.ᵐᵒ sr. ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar.

A Inglaterra, depois da quéda da companhia das Indias, cuidou de lançar no Hindustão a semente forte da civilisação da Europa occidental. Deixou livre aos missionarios religiosos o cultivo religioso e dirigiu o tocante á sciencia em todos os seus ramos, fundando escolas de ensino primario, secundario e superior; creou escolas normaes de ambos os sexos, e institutos especiaes para o ensino de individuos do sexo feminino.

Hoje a animação cresce. Progridem as sociedades scientificas, espalham-se os jornaes de toda a especie, multiplicam-se os fócos d'este irradiar vivificador. A India responde á actividade europeia, mostrando pelos trabalhos dos seus filhos, que elles são dotados das qualidades da grande raça árica. Por toda a parte se espalham trabalhos originaes, obras de vulgarisação, e traducções que se lêem em inglez e nas linguas vernaculas, principalmente em maráthí, gudjaráthí, hindústání. Discutem-se ali os trabalhos dos sabios da Europa; irrompe a aurora de uma grande revolução social e religiosa que vae transformar a India.

Essa India, que a Europa julga improgressivel, é o exemplo vivo eloquentissimo de quanto é nociva uma religião desacompanhada do caminhar incessante da sciencia. Mas que a India progride desde que a sciencia ahi entrou, e é capaz de seguir

um desenvolvimento normal e grande, principalmente pela parte da população de raça árica, qualquer que seja a casta, é hoje positivamente conhecido.

Para exemplo do que digo mencionarei algumas publicações recentes feitas por indios, ou melhor, para não amontoar factos de que difficilmente saberia fazer escolha, sem fallar dos trabalhos de *Anandatchandra*, de *Táránátha*, de *Rádjendralála Mitra*, e outros, consignarei apenas um facto que póde bem tomar-se como resumindo todos.

Este facto é a publicação, desajudada do governo (pelo menos officialmente), do Rigvêda nas suas duas fórmas p a d a e s a õ h i t á [1] com commentario e traducções em inglez e maráthí. Possuo cinco [2] fasciculos d'esta publicação, começada em Bombaim em abril do corrente anno. Bombaim!... cidade hoje ingleza e um dos grandes fócos da civilisação indiana actual; outr'ora portugueza!...

Basta olhar para o frontispicio para se conhecer immediatamente que a obra tem em vista uma renovação social e religiosa. Porque é offerecida «a todos os irmãos e irmãs da raça árica» e não principia pelo monosyllabo mystico—o m [3]. Ácerca d'esta publicação escreveu Max Müller na revista hebdomadaria «The Academy» em 18 de novembro ultimo (1876), o seguinte:

«... Some of the younger Pandits, who still combine some of the advantages «of the old native system of studing Sanskrit with the instruction they receive in «the Gov. Colleges at Calcutta, Bombay, Poona, or Madras, placed from time to «time the results of the European study of the Veda before their compatriots. They «soon began to take an active part themselves to criticise the works of English «Orientalists (e mesmo dos orientalistas allemães), and to contribute valuable essays «from their own pens. At last some of these young students and religious reformers «have combined to bring out a native edition of the Rigveda and its commentary «with a translation in Maráthí and English, and notes in the former language. The «title of the work is V é d á r t h a y a t n a o r a n a t t e m p t t o i n t e r p r e t t h e «V é d a s. The object of the editor is social and religious rather than philological. «While:

«*There are thousands of Brahmans*—he writes—*who know the whole of the Rig«veda by heart, and can repeat it in Samhitá, Pada, Jatá, Ghana and Krama* [4], «*without making any mistakes, there are probably not more than a dozen who have*

[1] Vide adiante quando trato dos Vedas.

[2] Hoje (setembro de 1877) possuo já 13. Escrevia em 1876.

[3] A leitura, e *á fortiori* a explicação do Rigveda, não é permittida a todos os indios. Só os *Bráhmanes* o podem explicar. Os novos reformadores tornam o Rigveda accessivel a todas as pessoas cultas, não só da India, como da Europa. E não contentes com esta ousada publicação da sciencia secreta, são elles os proprios a tirarem-lhe todo o caracter mystico, não usando do monosyllabo mystico por excellencia O M!

Os hindus não podem principiar nenhuma obra litteraria, nem recital-a sem fazerem preceder primeiro o assumpto d'ella de um vocabulo m a n g a l a «salutaris, felix, faustus, propicius». D'estes vocabulos uns são proprios dos livros profanos, como o H i t o p a d e ṡ a, o drama de Ṡ a k u n t a l ā, etc., que são precedidos do vocabulo a t h a, outros são proprios dos livros que, como a B h a g a v a d g i t ā e sobretudo o R i g v e d a, são sagrados. O m é *mangala*, cujo caracter é absolutamente mystico, e cuja acção salutar só póde recaír sobre os deuses ou sobre os brâhmanes.

[4] Vide no fim d'este relatorio.

«*ever attempted to understand what the Vedas contains. There are quite as many who «can repeat the Yajus and also the Sámaveda, though Atharvavedis are very few at «least in the Bombay Presidency.*

....

«The translation now offered to the natives in Sanskrit, Maráthí, and English is «chiefly intended to show what the *Veda* really contains, and especially to prove «that those texts which are supposed to authorise modern rites and beliefs among «the people, do not authorize them. To this object the greater part of the notes are «denoted....»

«We are told that, if the authority of the Veda is regarded as invulnerably sacr«ed, the belief that it is impossible for any human being not inspired like the old «Rishis to interpret Veda, is almost as invulnerably firm. Hence the editor has adopt«ed the following plan. He gives the Samhitá text of the Rigveda with the Pada «text, because the Vaidik Brahmans regard the Samhitá text alone as quite incom«plete. He then gives a translation based as much as possible on the recognised «commentary of Sáyaṇa [1]. He does not, however, follow Sáyaṇa slavishly, but if «he finds that the explanation of a word which that infallible commentator gives in

[1] S ā y a n a ou S ā y a n ā k ā r y a (ā k ā r y a—o conhecedor das regras, da pratica, dos preceitos—é o titulo correspondente a *doutor)* viveu no seculo XIV da nossa era, tendo sido o periodo da sua maior actividade litteraria entre os annos de 1350 e 1380 (apud *Burnell*, pref. do V ā s a b r ā h m a ṇ a, pag. XV). Commentou o *Rigveda*, o *Yadjurveda*, o *Sámaveda* e outras muitas obras da litteratura sãoskrita. (Vide *Burnell*, Oc., pag. XVI e seg).

Extremamente versado na theologia e philosophia brahmanica, habil grammatico, possuindo toda a doutrina dos commentadores seus predecessores, Sáyaṇa deixou trabalho giganteseo no qual, juntamente com a propria investigação, compilou tudo quanto a India produziu como interpretação dos Vêdas e da litteratura vedica. A obra de Sáyaṇa funda-se principalmente no commentario de Yáska. Este, julga-se ter vivido no IV ou V seculo A. C. Ha portanto entre Sáyaṇa e Yáska perto de 2:000 annos. Yáska já explica as partes difficeis do Rigveda, por meio de etymologias. Na sua epocha havia mesmo tres escolas: a dos *Váiyákaranas* ou grammaticos, a dos *Yádjnhikas* ou theologos que interpretavam sob o ponto de vista lithurgico, ritualistico, e a dos *Náiruktas* ou etymologistas, a que pertencia Yáska, e que mesmo deu o nome á sua obra «N i r u k t a» i. e. «explicação etymologica das palavras duvidosas *(nighantas)*». Pelo que se vê que a tradição de que tantas maravilhas se contam não tinha sido sem solução de continuidade.

Incidentemente direi que, attendendo a serem necessarios dois ou tres seculos pelo menos para o desenvolvimento d'estas escolas e das auctoridades de que Yáska se serviu, é natural concluirmos que o sãoskrito vedico já não era conhecido na India 800 annos A. C.

Por menos boa fé, ou por menos boa analyse das obras de Haug, se tem julgado e propagado que este sabio *acreditava* e *ensinava*, que na India existia uma tradição ininterrupta de alguns mil annos resumida por Sáyaṇa. Haug ensinou-me o contrario. Dos seus escriptos mencionarei um facil de se consultar, onde elle deixou bem manifesta a sua ultima opinião. Veja-se «On the Interpretation of the Veda» in «Report of the Proceedings of the 2.nd international Congress of Orientalists», Londres, Trübner.

O que Haug diz no seu prefacio do A i t a r e y a B r â h m a ṇ a m é o que elle sempre julgou e sustentou ainda no congresso dos orientalistas: «No doubt a large proportion of the interpretations to be found in his work (na de Sáyaṇa) is nothing but the result of Brahmanical scholarship; but at the bottom of the whole there lies a remnant of ancient tradition, part of which we have seen embodied in the *Nirukta*». Idéa que Max Müller repete exactamente in «The Academy» de 11 de Novembro de 1876: «The Sáyaṇa's Commentary represents the traditional interpretation of the Veda biginning with the Bráhmaṇas, continued by the Nirukta káras, recorded by a succession of later commentators, and finally collected in the fourteenth century by Sáyaṇa».

Para completar esta pequena noticia ácerca de Sáyaṇa, devo acrescentar que alguns orientalistas (Vidè por exemplo Monier Williams «Sanskrit Dict.» s. v. Sayaṇa, e no livro «Indian Wisdom» pag. 127, nota 1, bem como Weber «Ak. Vorl. u. Indischeliteraturgeschichte», Berlim, 1876, pag. 45; e outros) têem julgado que o grande commentador foi ajudado na sua obra estupenda por um seu irmão *Mádhava*, de sobrenome

«one passage is impossible, he takes, whenever he can do so, another explanation «of the same word given by the same writer in some other passage, thus shielding «his departure from Sáyaṇa himself[1]. This rendering of the Veda into Sanskrit is «intended for the old Shástris[2], who despise all vernacular speech, and who «would be repelled still more by English. The Maráthí translation will find its way «to the educated classes among the natives...»

Taes são as palavras do sabio editor do Rigveda com o commentario de Sáyaṇa, Max Müller.

D'ellas resulta, e Haug muitas vezes m'o disse, que só a sciencia europeia póde renovar a India fertil em intelligencias e robustos talentos; que as duas vias de communicação com os hindus são o sãoskrito, e das linguas vernaculas o maráthi principalmente, bem como o hindí e o hindústání.

D'este grande principio partiu Charles Wood, a quem se deve o começo do systema de educação e instrucção publica na India.

A renovação intellectual da India data da promulgação do «Court of Directors' Despatch» de 19 de julho de 1854. Ahi se lê que os directores têem desejo de ver propagada pela India a educação que «has for its object the diffusion of the improved arts, science, philosophy, and literature of Europe, in other words, of European knowledge». (§ 7). Para este fim prepararam-se professores, pela maior parte indigenas, habeis no conhecimento da lingua ingleza e instruidos convenientemente nos differentes ramos do saber humano, ao facto dos «latest improvements

Vidyáranya, favorito ou primeiro ministro de *Bukka,* rei de *Karnáta.* Mas Haug não o julgava, e acceitava como exactas e plenamente demonstradas as conclusões de Burnell na *preciosa* introducção, como elle dizia, á edição hoje esgotada, do Vamçabráhmaṇa of the Sáma Veda with an Introduction on Sáyana's Life and Works, his Commentary and Index, 1873, Mangalore. A opinião de Burnell é que *Mádhavátchárya* e *Sáyana* são um só e o mesmo favorito do rei Bukka.

1 As interpretações de Sáyaṇa, não só variaveis muitas vezes para a mésma palavra, tambem muitas outras são completamente falsas, chegando até a deixar ver falta de conhecimento que hoje se possue pelos estudos feitos na Europa. Haug muitas vezes rejeitava a opinião de Sáyaṇa e demonstrava quanto ella era absurda numa ou noutra gassagem. O que de modo nenhum importa pouco valor para a obra do favorito de Bukka. A nova interpretação dos Panditas revolucionarios não é como a de *Wilson* a repetição servil de Sáyaṇa, mas não é tão pouco trabalho critico e independente. O que é de lastimar. É, porém, certo que o esforço é grande e digno de louvor. Possuir-se-ha assim dentro em pouco uma serie valiosa de interpretação dos hymnos vedicos. Sem contar a de Langlois feita em tempos improprios para uma boa traducção do Rik, temos a de Wilson, que nos dá em inglez a interpretação sãoskrita de Sáyaṇa; a (por ora só um volume) de Max Müller, critica e philologica, em inglez; a de Ludwig, critica, etc., em allemão (por ora dois volumes contendo todo o texto do Rik; falta o volume das notas, que se espera ser importantissimo e de valor critico, historico, mythologico, philologico); a de Grassmann (de que tenho já um volume contendo 251 hymnos dos 1:028 do Rik), em allemão; e muitas outras traducções de hymnos em prosa, em verso, em differentes linguas, valiosissimas algumas, ex.: as que se lêem em o nunca assás reconhecido optimo trabalho de Muir, um dos homens respeitaveis pela sua modestia e saber como pela honestidade que o caracterisa nas suas apreciações. Este trabalho de Muir consta de cinco volumes «Original Sanskrit Texts, etc». É um thesouro valiosissimo.

2 *Shástris;* em sãoskrito śāstṛ da raiz śas «dirigir, governar, regular», são os que ensinam um ramo de sciencia hindu. O desprezo que os *Chástris* têem pelas linguas vernaculas não permitte que estas sirvam de meio de communição com elles. Por outro lado a grande influencia que elles exercem sobre o animo das populações, sobre o espirito dos indigenas, obriga a todo o missionario, que com elles queira lutar, a conhecer a linguagem de que elles se servem entre si e nas suas discussões philosophicas i. e. *religiosas:* religião e philosophia confundem-se onde não ha sciencia.

in knowledge of every kind» para poderem «impart to their fellow countrymen, through the medium of their mother tongue, the information thus obtained» (§ 14).

A ideia de Wood e mesmo os pormenores do seu «Despatch» foram adoptados, postos em pratica, e mais tarde melhorados. Os progressos têem sido sensiveis. O anno de 1873-74 foi admiravel, não só por ser extremamente satisfactorio o augmento dos que se aproveitam da instrucção, mas por demonstrar que ella se espalha rapidamente ao sexo feminino. Este ponto é importantissimo.

Não é aqui logar para fazer a historia do desenvolvimento da instrucção publica na India ingleza. Limito-me pois a indicar algumas das fontes d'entre as que me serviram para colher noticia d'elle. Consultem-se sobre assumpto tão capital os almanachs das universidades da India ingleza, os livros de Clements Markham, a «Indian Evangelical Review», as obras de Sherring «Protestant Missions in India» e outras.

Hoje a India desperta d'esse torpôr em que jazia. Facto assombroso! Vinte annos de sciencia bastaram para vencer mais de tres mil annos de esmagamento moral! Destruindo as velhas crenças que a paralysavam, a India caminha energicamente na estrada da critica negativa, sobretudo no tocante á liberdade de consciencia e ao exame reflectido, á analyse comparativa, que é o elemento destruidor de tudo quanto ha falso, e o preparador de tudo quanto ha justo.

A India não é um paiz como a maior parte da Africa, paiz de selvagens sem tradições de uma grande civilisação. Pelo contrario; a India, sciente d'essa grande civilisação que passou, estuda os motivos da sua decadencia, e, forte de elementos proprios e de desenvolvimento, procura rehabilitar-se pelo seu esforço. A *imposição* da qualquer religião por parte de um governo seria portanto insulto, por lhe negar esta faculdade de rehabilitação. Seria querer esmagar intenções nobres com intolerancias provocantes. Seria incitar á revolta.

Demais, quem ignora que só as religiões rudimentares desapparecem das pequenas sociedades, a que servem de nucleo e laço unitivo, com o engrandecimento levado pelos missionarios christãos (catholicos e protestantes)? Quem ignora que o zêlo e a actividade d'estes, quando exclusivamente religiosa, é esteril fóra d'essas pequenas sociedades rudimentares da Africa, da America e das ilhas do Oceano Pacifico? Quem ignora que até os negros d'Africa, onde o islamismo póde chegar, reagem e não acceitam o christianismo? Quem ignora que o proselytismo por via de *conversão progressiva* não se dá mais entre os homens que compõem as quatro grandes theologias — a brahmanica, a budhica, a christã e a musulmana?

Tres annos antes de fallecer, escrevia de Goa em 1584 Philippe Sassetti a Bernardo Davanzati em Florença: «... Goa; donde la maggiore e la miglior parte de' Gentili che ci abitavono, che erano molti e molto dotti, per esser terra di studio, si sono andati in altre parti. Sicchè questa città di Goa, bella di sito, grande di circuito, piena di belle cose, e ricca per il commercio che vi era maggiore che in nessun'altra terra, è ridotta a poco, e tira sempre a meno. Causa della partita di queste genti è stata la pretensione della conversion loro; però che essendo stato loro proibito leggere le loro scienze, far loro sacrifizi e devozioni; essendo loro stati rovinati

i loro tempii, e novamente vietato che non possino passari di qua a terraferma, come facevano, a far loro cirimonie; i migliori di loro se ne sono andati a vivere in altre parti, rimanendoci la feccia di tutta quella gente, e quella alla quale poco importa vivere più in questa che in quell'altra maniera.»[1]

No tempo de Philippe Sassetti, este triste vandalismo era proprio da epocha. Neste tempo actual seria improprio da nossa epocha o vandalismo moral. As missões religiosas na India são, porém, uteis, quando o espirito que ahi as leve tiver por fim, não *impor* uma religião, mas extirpar todos os absurdos que o brahmismo ali tem arreigado. Para isto é absolutamente indispensavel que o missionario possa lutar com os brâhmanes, que conheça portanto o sãoskrito classico e vedico, a litteratura classica e a dos Vèdas, que conheça o maráthí (e então lhe será de grande prestimo a nova publicação V e d ā r t h a y a t n a) e outra lingua vernacula conforme o logar para onde se destine.

Tratando-se de missões religiosas, um governo deve ter sempre em vista que a conversão só se dá num povo quando neste haja elementos, que sirvam de apoio á nova religião, por isso que jamais religião nenhuma faz proselytos quando não convem ao meio social em que tenta entrar. São os povos que fazem as religiões conformes ás suas necessidades intellectuaes e affectivas. Se a religião tem por base o sentimento, o que se affirma na Fé, não é menos verdade que ella é tambem a explicação do homem e do universo, e por consequencia expressão de um meio social.

Ora os meios sociaes não se impõem. O que é possivel é dar aos povos elementos com que elles modifiquem tal meio. Esta é a obrigação de todo o governo que sabe dirigir. Para isto podem concorrer efficazmente as missões religiosas, como indiquei: ajudadas pela sciencia, o grande elemento modificador das necessidades intellectuaes e portanto das effectivas.

A fatalidade da India é inherente a todas as nações, a toda a sociedade que, como ella, tenha por base *a auctoridade religiosa exclusiva*, acceitando, como ella, com *todo o rigor logico, todas as consequencias da theoria da Ṡ r u t i ou Revelação*[2]. Porque em tal sociedade a sciencia desapparece, visto ella só provir do concurso de todas as rasões e do assentimento commum á verdade demonstrada, jamais da subjeição á fé imposta.

Como é sabido pela historia, a phase critica dos povos é toda negativa, e portanto não é creadora. É unica e exclusivamente eliminadora. Quando esta phase predomina e permanece quasi como se fosse definitiva, é cheia de revoluções tremen-

[1] As cartas de Filippe Sassetti foram impressas por Ettore Marcucci em Florença em 1855, e em Milão por Eug. Camerini em 1874.

[2] A theoria da revelação na India é muito differente da idéa que a theologia christã nos dá de *Revelação*. Mas alem d'esta enorme differença sufficiente para deixar entre os povos christãos um certo desenvolvimento á acção humana, é certo que a civilisação occidental na Europa é na maior parte devida á falta de rigor logico na acceitação d'essa doutrina. E, facto digno de attenção, na India, a vida social, a capacidade intellectual, a actividade humana, nunca se manifestaram senão por luta contra a sua theoria da revelação que a atrophiava. São exemplos de lutas contra o monopolio da verdade as lendas de V i ś w ā m i t r a do rei Ġ a n a k a e por ultimo de Ś ā k j a m u n i ou B u d d h a. Consulte-se Max Müller—*A History of Ancien. Sanskrit Literature*, pag. 79 e seguintes «The Authority of Revelation attacked.»

das. Mas todo o governo sensato e honesto tem de acceitar aquella phase como indispensavel na vida das nações; cabe-lhe portanto dirigir os espiritos, sendo conservador sem reacção, para uma doutrina verdadeiramente organica.

Mais imperioso é ainda o dever dos governos que influem directamente nos destinos da India, não só de acceitarem aquella phase tal como ali se manifesta, mas tambem de a animar por destruir idéas absurdas e contrarias á civilisação europêa e ao engrandecimento humano. Ao mesmo tempo urge dirigir para a creação indispensavel depois da eliminação.

A phase do espirito critico na India entra já no momento em que se manifestam os caracteres distinctivos de differentes nacionalidades. Resultado inherente ao desapparecimento das linguas dos conquistadores vencidas pelas vernaculas locaes a que a civilisação ingleza permittiu desenvolverem-se.

Taes são as observações que fiz, lendo e examinando os livros e documentos relativos á influencia ingleza na India, apresentados na exposição do congresso internacional das sciencias geographicas em París, em 1875, pela Gran-Bretanha; lendo e examinando os relatorios ácerca do progresso moral e material da India.

D'estas observações resulta que o governo portuguez tem de seguir a par e passo a acção civilisadora da Inglaterra no Hindustão, se não quizer ver perdidas com deshonra as suas colonias da India.

Para conseguir o bom resultado que desejâmos, por certo, todos os que nos prezâmos de ser portuguezes, devemos ter em vista dois pontos:

1.º Promover a renovação intellectual da India portugueza, favorecendo o espirito critico;

2.º Dar á India portugueza todos os elementos necessarios para que ella edifique no espaço que for abrindo e conquistando ás velhas crenças que a têem atrophiado, isto é, dirigil-a para que possa fazer calculada e prudentemente a passagem para a phase positiva de doutrina verdadeiramente organica.

Como condição essencial da realisação d'estes dois pontos, é absolutamente necessario que os administradores conheçam os administrados. O que bem mostra que os estudos historicos e linguisticos ácerca da India em geral, e em especial da India portugueza, são indispensaveis para a administração civilisadora d'esta parte d'aquelles povos. Se o paiz não póde realisar a satisfação d'esta necessidade, entreguem-se as nossas colonias da India a si proprias, para que vivam vida independente e sigam desenvolvimento filho do seu individualismo. Querer o contrario é definhal-as por capricho de as possuir, e perdel-as um dia, é certo, com deshonra.

Eu não sonho, ill.^mo^ e ex.^mo^ sr., com as nossas passadas glorias, para querer hoje lutar com essa força enorme que predomina na India— a Gran-Bretanha. Mas lembro-me sempre que é tanto maior a nossa obrigação de conservar a nossa pequenez honrada e respeitada, quanto mais brilhante foi o nosso passado glorioso e a nossa grandeza invejada e temida.

Se queremos ser grandes na India governemos a parte que d'ella possuimos, administrando-a para seu interesse. Tal é o nosso.

J. Forbes Watson, *Reporter on the products of India*, e *Keeper of the India Mu-*

seum, um dos homens mais praticos da pratica Inglaterra, conhecedor eximio das necessidades e negocios da India, tratando da creação de um *Instituto Indiano* junto do *India Museum and Library*, disse o seguinte:

«The influence of historical studies on India may be considered from two points «of view: firstly, as bearing on the past history of the country, on its literature, «science, and mythology; and secondly, as bearing on the historical development «of institutions, of economical features, or of administrative arrangements which in«fluence the present condition of the country. *From either point of view it may be «held that historical researches have indirectly exercised a very beneficial practical «influence on the course of Indian affairs.* The study of the old languages «and the old literature, even apart from the assistance which it as afforded in «disclosing the character of the ancient laws and the institutions of the country, «has shown that the natives of India include among them intellectual races capable «of the highest form of civilisation. This study has engaged in favour of India the «sympathies of the whole civilised world, and probably in some degree has indirect«ly contributed to make prevalent in England those principles of justice to the na«tives which at present, at any rate, are the only publicly recognized basis of the «policy of England in India. The other kind of historical studies, those directed «towards the elucidation of actual conditions by tracing the historical development, «*have an immediate practical importance,* AS NO PROBLEM OF POLICY, COMMERCIAL OR «OTHER, OR OF ADMINISTRATION, CAN BE PROPERLY UNDERSTOOD WITHOUT AN HISTORICAL «INVESTIGATION.»

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr., fomos grandes na India, mas fomos terriveis sendo fortes. Seguiamos a bandeira do tempo!

Sigâmos a d'este em que vivemos, e sejâmos fortes, sendo civilisadores, pela sciencia, pela tolerancia, pelo respeito, não pela força, pela intolerancia, pelo vandalismo [1].

O interesse scientifico do estudo da India não é menor que o politico: os problemas relativos ás origens do direito, da philosophia, das religiões, das linguas classicas da Europa, ás migrações dos povos têem nelle, ou a base da sua resolução, ou o seu esclarecimento. A India é, como diz Fergusson, «*a complete cosmos in itself*[2].»

Assim a Europa inteira estuda a India, ainda mesmo aquellas nações que ali não têem interesses materiaes como os nossos.

Exemplo eloquente do quanto importa conhecer as civilisações antigas são as expedições enviadas pela Inglaterra para trazer á luz a civilisação da Assyria e da Babylonia; as expedições enviadas pela França, ainda mesmo depois das cruentas

[1] Vide o que diz Sassetti e fica transcripto.

[2] *Hist. of Indian and Eastern. Archit.*, Londres, 1876, pag. 4.

guerras e desastres de 1870-71, á Indo-China, para trazer á luz a civilisação do Cambodja, mais importante do que aquella, sob o ponto de vista architectonico [1].

Como membro do congresso internacional de geographia, visitei o museu das antiguidades cambodjanas, em Compiègne. Não posso terminar esta parte do meu relatorio sem dizer a proposito d'esse thesouro sem igual na Europa, quanto baste para dar breve idéa da importancia do estudo da architectura e arte esculptural dos antigos monumentos do paiz *Khmer*[2].

O reino actual de Cambodja, sob a protecção franceza, comprehende a terra que vae de 100° 30′ a 104° 30′ de longitude éste do meridiano de Paris e de 10° 31′ a 14° de latitude norte. Tem por limites ao norte e ao noroeste as possessões siamezes do Laos, Tonlé-Repu, Melu-Prey, Ongcor e Battambanc; ao nordeste as tribus selvagens que habitam as florestas da cordilheira cochimchineza; ao sueste a Cochimchina franceza com a qual forma a *bacia* inferior do rio *Mecom* aqui dividido em dois ramos: o *anterior* a leste na Cochimchina e o *posterior* no Cambodja; ao sudoeste são seus limites as aguas do golfo de Sião. A população é de cerca de 1.000:000. Aymonier marca-lhe 945:954 habitantes.

Os seus limites antigos eram outros: os siamezes conquistaram o paiz em fins do XIV seculo, de 1351 a 1374. E desde então lhes pertence a perola do Cambodja, Ongcor—*a grande cidade* «Nakkon Thom» em siamez.

O terreno do Cambodja é como o do Egypto um producto do seu rio. É nelle o

[1] *Fergusson.*, O. C. pag. 663.

[2] As obras que tenho lido ácerca do Cambodja são pela ordem chronologica:

Kambodische Alterthümer, publicação feita no *Ausland* em 1855 pelo sabio orientalista e ethnologo de Berlim, o dr. Adolpho Bastian, reimpressa com outros escriptos interessantissimos do mesmo auctor, em livro, sob o titulo *Geographische und Ethnologische Bilder*, Jena, 1873. Partindo em 1873 em uma expedição para a Africa, o dr. Bastian fez-me a honra de me procurar em Lisboa, e conversou commigo ácerca das suas viagens; em 1874 enviou-me de Berlim algumas das suas obras, entre as quaes aquella.

Por occasião do congresso em Paris distribuiram-se liberalmente pelos membros d'elle exemplares de um livro de 142 paginas com um mappa e gravuras, editado por Ernesto Leroux, escripto pelo conde de Croizier, e intitulado «*L'Art Khmer—Étude historique sur les monuments de l'ancien Cambodja avec un aperçu général sur l'architecture Khmer et une liste complète des monuments explorés, suivi d'un catalogue raisonné du musée Khmer de Compiègne*».

Li com interesse este trabalho, e assim preparado visitei detidamente o museu.

Quando este anno, depois de regressar de Munich a Paris, tive necessidade de me repousar um pouco da grande doença que soffri naquella capital, tomei por distracção ler «*Travels in Indo-China, Cambodja and Laos*», pelo naturalista francez, ao serviço da Inglaterra, Henrique Mouhot, o primeiro europeu a que se deve noticia da antiga civilisação cambodjana de um modo scientifico.

«*Voyage d'exploration en Indo-Chine*», feita de 1866 a 1868 pela commissão franceza sob as ordens do capitão de fragata Doudart de Lagrée.

«*History of Indian and Eastern Architecture*», por James Fergusson. Este volume é o 3.º da «*Hist. of Arch.*» É independente; foi publicado em 1876. É um verdadeiro compendio admiravelmente bem escripto, á altura da sciencia actual, impresso com todo o esmero, e contendo 394 primorosas gravuras das mais notaveis obras da architectura buddhica, djaina, casmiriana, nepaleza, dravidica, chalukyana, indo-arica, indo-saracenica, de Barmá, de Sião, de Java, do Cambodja e da China.

«*Géographie du Cambodje*», por E. Aymonier, Paris, 1876, E. Leroux.

Hoje revendo estas provas devo apontar ás pessoas a que for mais commodo procurar os *Boletins de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes* do que os livros que deixo citados, uns artigos do ex.^mo^ visconde de S. Januario, traducção resumida da obra de de Lagrée com que s. ex.ª enriqueceu a secção de architectura do *Boletim*, a partir do n.º 2, tom. II, 1877.

Tonlé-Thom *(o grande rio)* a que os Laos chamaram Mekong, e nós, por d'estes havermos tomado o vocabulo, *Mecom.*

Camões, no canto x dos *Lusiadas*, 127, mostra ter perfeito conhecimento d'estes pormenores, quando diz:

«Vês passa por Camboja Mecom rio
Que capitão das aguas se interpreta,
Tantas recebe d'outro só no estio
Que alaga os campos largos, e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:»[1]

Aos portuguezes nossos antepassados se deve este nome de Cambodja, por assim pronunciarem o de Kamphoxa *(p* aspirado, não *ph=f)* em lingua siameza, já adulterado do mais antigo Kámputchea. Os habitantes do Cambodja actual chamam-se Khméres e do seu paiz dizem Srok-khmér «paiz de Khmér» ou Nokor-khmér «reino de Khmér».

A origem d'este nome Kámputchea não se tem estudado, que eu saiba; e mal pensadamente se tem discutido sobre o de formação portugueza Cambodja. Partindo-se d'este se tem attribuido a uma emigração dos indios que habitavam o extremo noroeste da India no paiz denominado em sãoskrito kamboǵa (leia-se *cambôdja)* a origem dos povos *cámputcheos.*

É possivel que a origem do vocabulo kámputchea seja kamboǵa ou a mesma d'este, e assim a corrupção produzida na lingua portugueza seja de notavel coincidencia. Na India de alem Ganges ha outros nomes que têem os seus iguaes morphologicamente na India de áquem Ganges; assim Inthapatha ou Intapatha-puri é morphologicamente o mesmo que Indra-prastha, nome da cidade dos *Pándavas* nas margens da *Yamuná,* hoje a cidade de *Delhi,* ao qual se acrescentou a corrupção do sãoskrito puram (cidade fortificada, castello, etc.), da mesma maneira que em sãoskrito se ajuntava a certos nomes o de prasta para formar o de cidades.

Seja, porém, como for, é certo que o problema ethnologico não está ainda resolvido. Bastian marca o anno 957 como o da fundação da cidade de Intapatha[2] pelo rei *Pathnummasurivong.* Fergusson acceitando esta data julga que em virtude

[1] É tenção minha escrever um dia a historia da India. D'esta obra fará parte um volume em que me occuparei dos viajantes portuguezes na India, estudando e fazendo ver que conhecimentos tiveram d'esse paiz.

Camões não emprega nestes versos uma unica palavra que não tenha sua realidade geographica.

Assim o nome do rio *Mecom* se interpreta *capitão das aguas.* Vide no texto.

Assim é no Cambodja que o ramo posterior do Mecom existe; e é este o ramo menos navegavel. O anterior é sempre navegavel por navios que demandem 3 metros de agua. O posterior é menos profundo; mas durante os mezes de julho, agosto e ainda setembro até outubro, a enchente é sufficiente para navios do maior lote, tão consideravel e extensa é a massa liquida que naquelle tempo vem regularmente inundar e fertilisar as terras do Cambodja todos os annos, como o Nilo as do Egypto.

[2] Este nome Inthapatha-puri ou Inthapatha-nakhom era o nome sagrado da capital do antigo Cambodja, que é hoje conhecida pelo de *Ongcor* ou Nakhom-Thom «grande cidade» *(nakhon* ou *nakhom*=sk. nāgara).

das guerras em Casmira e no noroeste da India no anno 319 P. C. os emigrados do oeste de Casmira seguiram directamente as costas occidentaes da India, e que immigrados nas terras do Mecom ahi introduziram essa architectura e arte assombrosa, que se vê nas ruinas do Cambodja; como os emigrados do Gudjaráte e partes da costa occidental do norte da India, immigrados em Jáva, ahi introduziram o buddhismo e a architectura buddhica.

O maior dos indianistas actuaes, Alberto Weber[1], julga possivel a identificação por motivos buddhicos no tempo do grammatico Moggalláno, auctor do *Diccionario páli* Abhidhánappadípiká; i. e. no seculo XII P. C. Diz elle:

«Für die Zeit der Pâli Abhidhânappadîpikâ (v. Childers Pâli Dict.) mag diese Identification allenfalls richtig sein; die älteren Pâli-Texte aber, ja schon die Inschriften Piyadasi's (z. B. ganz deutlich das Facsimile der Khâlsi Inscription in Cunningham's Arch. Survey I, 247 pl. XLI Zeile 7), führen die Kamboja in Verbindung mit den Yavana auf, und dies allein schon entscheidet für die geographische Zusammengehörigkeit Beider im nordwestlichen Indien, s. Ind. Streifen II, 321. Dazu kommt noch der Name Kabujiya=Καμβυσες, und somit auch die sonstigen Erwähnungen diezes letzteren Namens, die auf eine weite Verzweigung desselben in Iran hinweisen, s. Ind. Streifen II, 493. Nach Hinterindien ist der Name Kamboja offenbar erst secundär eingewandert, ebenso wie die Namen Ayodhyâ, Indraprastha, Irâvatî, Campâ, obschon es immerhin auffällig bleibt, dass gerade ihn dies Loos getroffen hat. Vielleicht sind buddhistische Motive dabei mitwirkend gewesen. S. hiezu die Jenaer Literaturzeitung 1875, p. 418. Indian Antiquary IV, 244.»

Neste ultimo logar diz Weber a proposito dos yavanas:

«The oldest passages in which we as yet find it are those famous edicts of king Priyadasi which mention twice the Antiyoka Yona-râja, once alone (tabl. II), and again along with Tulamâya, Antikonâ, Mâka, Aliksa(m)dala: *(Antiocho, Ptolomeo, Antigono, Mágas* e *Alexandre,* cinco reis (rāǵa) gregos (jono em páli=javana em sk.) This facsimile[2] gives us in the seventh line also the reading Yona-ka (m) bojesu, the very compound which is used so often in the Pâli texts, and which fixes, if other proof was required, the geographical position of the Yonas by that of the other frontier people so closely allied with them therein, the Kambojas. Wherever we find them both mentioned in this compound, or even only along with each other, we may be quite sure that we have to understand under the Yonas the Baktrian Greeks, the neighbours of Kabul.»

No «Appendice C» á primeira parte do «Supplemental Glossary» de Elliot, publicado por Beames, a pag. 304 s. v. Kamboh, lê-se:

«According to their own account, the Kambohs are the old inhabitants of the trans-Indus country, and most of them were converted to Islam by Mahmúd of Ghazni. The Sanskrit name of Cabúl is Kamboj, and this is so similar to Kamboh, that, on

[1] *Akademische Vorlesungen über Indische Literaturgeschichte,* nota de pag. 194 a 195, 2.ª edição, Berlim, 1876.

[2] O facsimile da inscrip. de Achoka dado por *Cunningham,* como se cita acima. Cf. mais *Cunningham.* A. S., v. 20.

the authority of the above tradition, these people may be safely conjectured to have been the ancient inhabitants of Cabúl. Their Mahomedan brethren state that they are the descendants of the ancient Kai[1] dynasty of the Kings of Persia. On the last king of the dynasty having been dethroned and expelled from the country, he wandered about for some time with his family and dependants in the neighbouring countries. The company, wherever they went, was termed Kai-Amboh (assembly of the Kais), and that appellation is corrupted into *Kamboh.*»

Assim pois a tradição oral e a escripta tendem a demonstrar que os povos cambodjanos do noroeste da India são de origem baktriana[2]. O que não permitte crer fossem elles os emigrados do oéste de Casmira que introduziram na India de alem Ganges a religião e o culto das serpentes[3].

O supposto culto das serpentes no Cambodja de alem Ganges póde muito bem ser resultado de doutrinas e symbolos buddhicos. É bem conhecida a importancia da *Serpente* no buddhismo. É ella o guarda e o abrigo de Buddha, é ella que defende as suas reliquias, é ella que protege o Stúpa[4]. De entre as estatuas existentes no museu Khmer de Compiègne notam-se algumas de Buddha, de

1 Este vocabulo *kai*, correspondente ao zenda *kava* «rei» e ao sãoskrito *kavi* «poeta» (epitheto dos antigos sabios e patriarchas *hindus*, e dos deuses taes como *Agni, Indra, Varuṇa*, etc.), é o titulo de realeza da *Dynastia Kayánina* dos reis da Baktria. (Sobre a relação dos vocabulos kava, kavi vide *Haug* «Die fünf Gâthâs» vol. I, pag. 179 e sgs., e vol. II, pag. 238 a 241 e 250.) O 1.º d'ella foi Kava-Kavata (Kai-Kabad em persa); succedeu-lhe seu filho Kava-Us (Kai-Kaus). Kai-Vistasp, o 5.º d'esta dynastia, não Vistasp pae de Dario (Vide *Haug* «Essays on the Sacred Lang., Writ., and Religion of the Parsees», pag. 254 e «Glossary and Index of the book of Ardá-Viraf»; pag. 205), foi o protector e defensor da religião mazdeiana, doutrina ensinada durante o seu reinado por Zoroastro.

O Ardá-Viraf é a *Divina Comedia* dos parsis. Neste poema *pahlavi* se diz que *Kai-Vistasp era o anjo tutelar da religião de Zaratustra* (Vide ed. do *Deshtur Hoshangji Jamaspji Asa, Haug e West.* Bombaim, 1872).

O seculo de Zoroastro foi provavelmente o XIII ou XII A. C.; epocha das grandes convulsões sociaes e politicas da Asia Menor e Central, no tempo do grande imperio assyrico. *Burnouf* e *Oppert* julgam que Zoroastro viveu 22 ou 24 seculos antes de Christo. *Haug,* que pelo menos 1:000 antes de Christo. Se confrontarmos a *lenda de Nino, vencedor d'um rei da Baktria,* com o que fica dicto, podemos julgar que Zoroastro foi contemporaneo de Tiglath Pileser II. Vidè *Harlez,* «Avesta», introducção, pag. 11 e sgs. onde se acham compendiadas as differentes opiniões. Sobre a vida e doutrina de *Zoroastro,* segundo as *Gáthás,* veja-se *Haug* «Die f. G.» vol. II, pag. 245.

É para notar que *Weber* l. c. diz «Yaska (II, 2) stellt theils die Kamboja (die Persa-Arier?) ...». Esta supposição do grande orientalista vale para mim quasi uma affirmação, dá-me pelo menos direito a julgar a maxima probabilidade na hypothese que deixo formulada nesta nota.

2 Consulte-se *Muir* «O. S. T.» II, 355 e sgs.

3 Fergusson pensa que houve um pôvo de *Nágas* (*nāga* em sk. «serpente» cf. o anglo-saxão *snaca,* ingl. *snake,* etc.), assim chamado do seu culto, predominante já antes da invasão arica no noroeste da India.

Na literatura sk., principalmente no Mahábhárata, faz-se menção de uns *Nágas* com quem os aryas invasores não se desprezavam de contrahir allianças, cujas mulheres eram formosissimas, cujas cidades eram soberbas; raça rica e indomavel que mais era esmagada que vencida.

Alem de Fergusson, auctores de não pequena nota crêem que esta raça existiu e que o seu culto era o das Serpentes.

O noroeste da India é a parte por excellencia do Hindustão onde se vêem monumentos attribuidos á *religião das serpentes.* E, facto digno de nota, no Atharvaveda, a que os povos do sul não consideram como livro vedico (vide parte segunda, pag. 24), ha hymnos á serpente, emquanto que no *Rigveda* num unico ponto se falla em sarpa «serpente.» Vide *Muir* «O. S. T.» vol. II, pag. 451.

4 *Tumulus* ou *monumento mortuario em fórma de cúpula,* de veneração buddhica ou contendo mesmo reliquias buddhicas.

expressão suavissima e ideal, assentado num throno formado das espiras do *nága*[1].

Fergusson, porém, a despeito do perfeito conhecimento que tem d'estes assumptos, crê désse, independente de influencias buddhicas, o culto das serpentes, em Ongcor, logar ao levantamento de edificios de fabrica maravilhosa, dentre as quaes a mais bella era a do «Templo da grande cidade» Nakhom-vat. Em frente ou dependente do Nakhom-vat, diz o celebre archeologo e orientalista, não se vêem *Dagobas*, nem *Viharas*, nem *Tchaityas*[2]; as suas esculpturas não representam scena nenhuma da vida de Buddha. E daqui conclue não fosse aquella soberba obra levantada nem por buddhitas, nem para um fim buddhico.

Deixemos a questão ethnologica. É tempo de dizer alguma cousa mais da architectura cambodjana.

A similhança do estylo d'esta com o da de Casmira é na verdade notavel.

É sabido hoje que o estylo predominante na architectura do Pandjab e ao oeste do Indo, durante os primeiros cinco seculos P. C. foi o de uma escola quasi classica. Anteriormente tinha prevalecido no noroeste da India o estylo em architectura a que Cunningham denomina *Indo-persa.* O qual foi «supplantado por tres estylos differentes da architectura grega: *Indo-Corinthio,* no valle do *Cabúl; Indo-Jonico,* em *Taxila,* e *Indo-Dorico,* em *Casmira*[3]».

O estylo do Nakhom-vat é o que ha mais rico e bello de *dorico-romano.*

A sua belleza causa assombro a todos que a contemplam. Bastian, e já antes Mou-

1 Sobre o culto da serpente consulte-se: *Fergusson,* «Tree and Serpent Worship» na introducção; *Boyd,* «Nagananda or the Joy of the Snake World»; os vol. IX e XXXIX do Journal Bombay Br. As. Soc.; os n.ºs XXVII XXXVIII, XL, XLIV do «Indian Antiquary»; *Inman* «Ancient Faiths embodied in ancient Names», etc.

Ácerca da significação e importancia da serpente no Buddhismo consulte-se: *Burnouf* «Le Lotus de La Bonne Loi» e «Introduction à l'Hist. du Bouddhisme»; *Hardy* «Manual of Buddhism» e «Eastern Monachism»; *É. Sénart* «Essay sur la Légende du Buddhá».

Os *nágas* da mythologia indiana correspondem aos espiritos das aguas da mythologia germanica. *Schiefner* (apud *le Comte de Croizier* O. C.) diz que a dansa dos espiritos das aguas tem na Suecia o nome de *Nak.* E *Hardy,* (Man. of Budhism, pg. 44) diz: «Another name by which they (the nagas) are known, nayás, bears «a considerable resemblance to that of ναιδες naiades of the Greeks, who also resided in rivers, lakes and «streams. «As vigilant as a nayá who guards a hidden treasure», is a common expression, giving to these «beings the same office that is borne by the genii of the Arabs. Even in England there is a current opinion «that near abbeys and other old places there are treasures watched over by snakes.» Cf. o mytho germanico do thesoiro dos Nibelungs, e da morte da serpente *Fáfnir.* Vide *Michel Bréal* «Hercule et Cacus» principalmente capitulo VIII.

A ophiolatria não é exclusiva de um povo. É commum a differentes civilisações nos seus principios. É o culto phallico de que se encontram vestigios por toda a parte. A *figa preta* que em Portugal se põe ao pescoço das creanças de peito não tem outra origem.

2 É do vocabulo dagoba que se julga vir a denominação de *Pagode.* O *Dagoba* é um monumento contendo reliquias de Buddha ou de Santo buddhico. Em sãoskrito dizia-se dhātu-garbha «receptaculo de reliquias» ou dhāta-gopa «guarda das reliquias». *Tchaityas* são objectos de veneração religiosa, e até fetichica—uma arvore (Vide pag. 9 «Bhilsa Topes» de *Cunningham*); designa-se, porém, particularmente, por *Tchaítya, uma capella* ou *altar* de devoção especial, ainda que algumas vezes é synonymo de *Stúpa,* ex. no Nepal.

Vihara, segundo os biographos de Hiuen-Thsang, designava, no tempo d'este, uma edificação em separado do convento e podia até ser de cobre. *St. Julien* «H. de la vie de Hiouen-Thsang». Segundo os auctores modernos—*Eremiterio buddhico. Fergusson* O. C. define todos estes termos a pag. 50.

3 «Arch. Survey of India» 4.º vol. Cf. *Fergusson* «O. C.»

hot, todos os que têem admirado o Nakhom-vat o descrevem como a maior das maravilhas. Fergusson, um dos homens mais entendidos, um dos maiores conhecedores da architectura oriental, e um dos grandes archeologos do mundo, escreve que este templo é «the best from an architectural point of view[1]» da «series of temples as large and as richly ornamented as any to be found in any other part of the world[2]». A concepção do todo é grandiosa; a sua execução admiravel; a machina assombrosamente gigantesca; o merito artistico dos ornatos tocando a maravilha, realçando o valor das soberbas columnatas interessantes esculpturas, que representam campos de batalha de scenas animadissimas taes como as canta a epopea nacional da conquista da India até Ceylão — o Rámáyaṇa, e a epopea dos descendentes de *Bhárata* — o Mahábhárata.

Em toda a sua construcção ha unidade. Ali não se vê o amalgama *leproso*[3], a confusão disparatada dos estylos buddhico, djaina e hindu, feição caracteristica de outros templos, edificados depois que em meados do seculo XIII o rei de Cambodja apostatou da antiga religião, e abraçou o brahmismo, levando a outros logares a prosperidade arrancada a Ongcor[3].

Se em toda a architectura khmer não ha a combinação perfeita *dorico-romana*, o amalgama monstruoso tambem não existe onde a arte livre do brahmismo teve o seu desenvolvimento natural. E se a arte khmer não é original, não é menos singular pelo que imitou. «To the historian of art, diz Fergusson, the wonder is to find temples with such a singular combination of styles in such a locality — Indian temples constructed with pillards almost purely classical in design, and ornamented with bas reliefs so strangely Egyptians in character[4]».

O archeologo e o ethnologo têem ali importantissimas investigações a fazer. A historia da humanidade conta por certo no museu de Compiègne uma pagina escripta de um dos seus mais interessantes capitulos.

[1] O. C. pag. 666. *Fergusson* julga que tão magnifica architectura se desenvolveu durante tres seculos pelo menos e é devida á *Religião das Serpentes*.

[2] O. C. pag. 666.

[3] O rei apostata foi, segundo a legenda, atacado de *lepra*, quando foi levantar a nova cidade Patenta-Phrohm, («cidade de Brahma»?) onde edificou templos de architectura brahmanica, amalgama disparatado. *Fergusson* passim.

[4] O. C. pag. 684.

SEGUNDA PARTE

Findos os trabalhos do congresso internacional de sciencias geographicas parti para Munich, aonde cheguei em fins de agosto. O professor Haug, cujas lições ali ía ouvir, ainda não tinha regressado da Suissa. Mas passados poucos dias, tive a honra de conhecer o grande orientalista. Foi a 3 de setembro, como em officio d'esse mesmo dia escrevi a v. ex.ª

Haug era um homem ainda novo; mas, já minado pelo soffrimento, que, poucos mezes depois, o roubou á sciencia e aos que mais o estimavam, Haug pareceu-me homem de sessenta annos. O seu aspecto causou-me má impressão á primeira vista. Poucos minutos bastaram para que a sua grande alma e a sua grande sciencia começassem a destruir em mim o desagrado do primeiro momento. Ao fim de duas horas quasi de conversação, despedimo-nos como dois amigos.

Cresceu com o tempo esta amisade e com força egual á da espontaneidade. Não é menor a magua que me resta de o não ter acompanhado á Suissa, como elle e eu ambos desejavamos! Talvez Haug não tivesse morrido!...

Jámais da minha memoria se apagará a que d'elle guardo; que foram horas de íntimo goso as passadas no estudo junto d'elle, e da mais estreita ligação as que davamos ao cultivo da amisade conversando, como se de longo tempo nos conhecessemos, durante os nossos passeios.

Ás *Vorlesungen* deviam principiar na universidade de Munich a 2 de novembro. Desejoso de aproveitar os dois mezes que íam decorrer até então, pedi a Haug que me désse lições em particular.

Elle nunca o tinha feito; cedendo ao meu pedido honrou-me sobremodo. Li com elle rapidamente os primeiros capitulos do Episodio de Nala, e a parte do Hitopadecha que eu já tinha estudado em París. Admirava-se elle da minha boa pronúncia e muitas vezes me elogiou pela exactidão com que explicava os textos. Por conselho seu não me matriculei no primeiro curso. Os conhecimentos que eu tinha de sãoskrito em meiados de outubro equivaliam, segundo Haug, aos que em geral se adquirem com estudo de dois annos.

Assim, pois, aconselhado, matriculei-me nos cursos designados no programma da universidade pelos n.os 2 e 3 com relação ao professor dr. Haug.

D'estes cursos ali designados — 2) «Einleitung in den Atharvaveda (Literatur, Ritual u. s. w.; nebst Interpretation ausgewählter Stücke, viermal wöchentlich); 3) Einleitung in das Studium der assyrischen und babylonischen Keilinschriften mit Interpretationsübungen, zweimal wöchentlich» — Haug não pôde realisar o segundo curso, n.º 3, de que me deu, porém, algumas lições em particular. O seu estado de saude peorava cada dia, e, sobretudo depois do Natal, Haug não era mais o homem dos primeiros dias.

Eu tambem me sentia doente; motivo que me fez decidir a ír habitar fóra de Munich, em Nymphenburg.

Até ao Natal conclui com Haug o primeiro livro do Hitopadecha que foi explicado em lições particulares. A partir de janeiro o objecto d'estas foi: *a*) historia da litteratura sãoskrita, explicação do Atharvaveda, e da prática dos sacrificios incidentemente; *b*) historia da civilisação assyrica e pontos de contacto com a egypciaca.

No curso publico, Haug tomou para objecto de algumas dás suas lições a explicação da formação dos Vedas, sua leitura e conservação, suas escolas, sua litteratura. Traduziram-se alguns hymnos do Rik, e mais do Atharvaveda.

Seria excessivamente longo dar conta d'um modo circumstanciado de tão importante estudo [1]. Nem os que actualmente me occupam me deixam tempo para escrever um livro.

[1] Por documento que tive a honra de enviar a v. ex.ª em novembro de 1875, sabe v. ex.ª o conceito que Haug fazia de mim, devido á applicação com que me dedicava ao estudo.

Aqui transcrevo a copia d'esse documento.

«I do hereby certify according to the best of my knowledges that mr. Vasconcellos Abreu of Coimbra, who is at present attending my Sanscrit Lessons with great regularity, possesses great abilities for a scientific study of Oriental Philology, and that during his short stay here he has made already considerable progress. He bids fair to become a *very good Sanscrit Scholar* and will do honour to the Portuguese Government which deserves great credit for having provided the means for him to prosecute these studies in Germany.»

«Munich, 13 november 1875. = *Dr. Martin Haug,* Professor of Sanscrit and Comparative Philology at the University of Munich, formerly Superintendent of Sanscrit Studies at the College of Poona India. Bombay Presidency.»

Assim, pois, limitar-me-hei apenas a dizer rapidamente a idéa que faço, principalmente do Rigveda, e da sua importancia na historia geral.

A litteratura vedica é vastissima. Quando mesmo não se faça entrar como parte d'ella os 18 Puránas [1] principaes e os 18 secundarios ou menores Upapuránas, nem os Tantras [2] que são, todavia, litteratura theologica capital, a litteratura vedica, Mantras, Bráhmanas, e Vedángas, comprehende de per si materia para centos de volumes in folio.

Da litteratura vedica propriamente dita excluo ainda os Vedángas (anga «membro»; i. e. membro do corpo dos Vedas). Contam-se 6: *a)* Chikxá (śikṣā) que trata da pronúncia, natureza das lettras e accento; *b)* Tchhandas (khandah) trata do metro; *c)* Vyákarana (vjākaraṇa) i. e. grammatica da lingua, a grammatica de Pánini; *d)* Prátichákhya (prātiśākhja) que se diz de tratados grammaticaes particulares a cada um dos Vedas, explicando a combinação euphonica e a pronúncia das lettras; *e)* Nirukta (id.), interpretação das palavras duvidosas, sua explicação por meio de etymologias; *f)* Djyotixa (ġjotiṣa) conhecimentos astronomicos para a determinação dos dias adequados e horas propícias aos sacrificios vedicos; *g)* Kalpa (id.) systematisação do ritual vedico, tal como o ensinam os livros chamados Bráhmanas, os proprios Bráhmanas expurgados de todas as legendas e doutrina mystica, escriptos no estylo dos Sútras i. e. no estylo de aphorismos.

Nada mais direi d'esta parte da litteratura vedica que trata do modo de ler, da maneira de interpretar, e da occasião e prática dos sacrificios, relativamente aos Vedas, para só me occupar da natureza e doutrina d'estes, especialmente do Rik, da

[1] São: Brahma-, Padma-, Viṣṇu-, Śiva-, Bhāgavata-, Nāradīja-, Mārkaṇḍeja-Agni-, Bhaviṣja-, Brahmavævarta-, Linga-, Vārāha-, Skanda-, Vāmana-, Kūrma-, Matsja-, Garuḍa-, e finalmente Brahmānda-purāṇa segundo a lista mais acceitada, que é a do xii.º livro do Bhágavata-purána. Vide *Wilson* «The Vishnu Purána» prefacio pag. xxiii, ed. de *Fitzedward Hall.* Sobre a extensão do conteúdo dos Purúnas vide ibi, xxiv, nota 3.ª

Os Upapuránas são subordinados, em numero e objecto, aos Puránas. Vide *Wilson* O. C. pref. lxxxvii. Purāna significa *antigo.* Julga-se que os verdadeiramente antigos não existem e que os hoje conhecidos teem parte do seu conteúdo. Assim o Brahmavaivarta-purána é moderno, e outros. Vide *Wilson* O. C. pref. Puránas e Upapuránas formam o corpo de doutrina religiosa da India moderna.

Consultem-se as seguintes obras: *Wilson,* «Vishnu-Purána» ed. de 1840, um vol. 4.º, xcii, 704, ou ed. *Fitzedward Hall,* 6 vol. 8.º — *Burnouf,* «Bhâgavata Purâna» — *Wilson,* «Essays on Sanskrit Lit.», vol. 1.º publicado por *Reinhold Rost,* «Analysis of the Puránas — *Muir,* «Original Sanscrit Tests» — *Banerjea,* «Introd. to the Markandeya» publicada na «Bibliotheca Indica».

Cito d'uma vez para sempre as tres seguintes obras: *Weber,* «Academische Vorlesungen über Indische Literaturgeschichte», Berlim, 1876; *Colebrooke*; «Essays», 3 vol., um dos quaes, biographia, se vende separadamente, Londres, 1873; *Monier Williams,* «Indian Wisdom», Londres, 1875; creio ha 2.ª ed. Estas obras são de facil acquisição. As duas primeiras de grande valor; a terceira é *á l'usage des gens du monde,* e portanto mais facil de ser lida por todos aquelles a cujas mãos for ter este meu relatorio.

[2] *Tantras* são obras de theol., magica, e formulas mysticas proprias do culto de certas divindades. Têem um caracter phallico. Referem-se á *creação do mundo, destruição do mundo, culto dos deuses, obtenção de faculdades sobrenaturaes, estado de graça e união com o espirito supremo por meio da meditação.*

epocha da sua composição, da civilisação que nos revelam, da sua importancia historica.

A litteraturatura vedica, propriamente dita, compõe-se, pois, de mantras e bráhmanas[1] (mantra, brāhmaṇa).

A estas duas partes reunidas se chama Vedas.

Ha 4 Vedas: o Rigveda ou Rik, o Sámaveda ou Sáman, o Yadjurveda ou Yadjus (em duas fórmas), e o Atharvaveda ou Átharvana ou simplesmente Atharvan.

Os tres primeiros são conhecidos pelo nome de trayí (trajī vidjā) i. e. «tripla sciencia.» O quarto é considerado o mais moderno de todos e ainda hoje não está reconhecido como Veda no sul da India[2].

O Veda, *Veda por excellencia*, é o Rik.

Para precisar o que seja mantra e o que seja bráhmana não devemos seguir os theologos brahmânicos; não chegariamos a resultado definitivo, nada poderiamos distinguir claramente.

Alguns auctores dizem que a parte mantra é escripta em verso, e forma os hymnos cuja collecção se chama sãohitá[3] e que a parte bráhmana é escripta em prosa e fórma a parte ritualistica dos Vedas. Como muito bem o diz Rádjendralála Mitra, na magnifica introducção ao texto do Taittiriyaranyaka[4], isto não é exacto. Dos orientalistas da Europa, foi Max Müller, bem que um dos mais habeis, mais claros na exposição, mais energicos na phrase, mais poetico no modo de á construir, quem concorreu, em um livro aliás admiravel[5], para a confusão das idéas que importa o termo technico *mantra*.

Haug explica a differença entre os dois termos mantra e bráhmana da maneira seguinte: «That part which contains the sacred prayers, the invocations of «the different deities, the sacred verses for chanting at the sacrifices, the sacrificial «formulas, blessings and curses, pronounced by priests is called *mantra*, i. e. the «produce of thinking. (A raiz man significa «pensar» cf. o lat. men em men-«*tis*, o gotico man pensar» o lithuano menu «eu me recordo» etc.). This word «is of a very early date; for we find it in the Zend-Avesta in the form of *mañthra* «also. Its meaning there is that of a sacred prayer, or formula, to which a magical «effect was ascribed, just as to the Vedic mantras. Zoroaster is called a *mañthran* «i. e. a speaker of mantras, and one of the earliest names of the Scriptures of the «Parsis[1], is *mañthra speñta*, i. e. the holy prayer (now corrupted to *mansar spent*).»

«This fact clearly shows, that the term *mantra* in its proper meaning was al«ready known at that early period of Aryan history when the ancestor of the Brah«mans and those of the Parsis (the ancient Iranians) lived as brother tribes peace«fully together. This time was anterior to the combats of the Devas and Asuras, «which are so frequently mentioned in the Brâhmaṇas, the former representing the «Hindus, the later the Iranians.»

«At this time the whole sacred knowledge was, no doubt, comprised by the term «*mantra*. The Brâhmaṇam was unknown;...............................»

«The Brâhmaṇam always presupposes the Mantra; for without the latter it would «have no meaning, nay, its very existence would be impossible. By «Brâhmaṇam» «we have always to understand that part of the Veda (Brahmanical revelation) which «contains speculation on the meaning of the mantras, gives precepts for their appli«cation, relates stories of their origin in connection with that of sacrificial rites, and «explains the secret meaning of the latter. It is, to say in short, a kind of primitive «theology and philosophy of the Brahmans.[2]»

Colebrooke[3], expondo a philosophia mímãosá diz que mantra é «prayer» bráhmana «precept». E com phrase elegante e exacta nos ensina que em geral: «*mantra* is a prayer, invocation, or declaration. It is expressed in the first person, «or is addressed in the second. It declares the purpose of a pious act, or lauds or «invokes the object. It asks a question or returns an answer; directs, inquires, or «deliberates; blesses or imprecates, exults or laments, counts or narrates, etc.»

Mais adiante continúa: «*Mantras* are distinguished under three designations. «Those which are in metre are termed *rich*, those chanted are *sáman*, and the rest

[1] Nos Bráhmanas comprehendo os Áranyakas e as Upanixadas. V. *Haug* «Brahma und die Brahmanem» pag. 5, e 29 a 31.

[2] Sáyana conheceu o Atharvaveda. È porém certo que este Veda não se conhece em parte nenhuma de toda a presidencia de Madrasta, nem nos paizes de linguas dravidicas. Vidè *A. C. Burnell*, «Vãṡabrāhmaṇa», pag. xxi.

[3] Sãhitā de sam em gr. συν lat. *cum*, e hitā part. p. p. fem. √dhā «pôr»; assim sãhitā como s. fem. «composição, collecção».

[4] Calcutta, 1872.

[5] «Hist. of Ancient Sanskrit Literature». Não se pense me julgo á altura de destruir as idéas basicas do livro de Müller. Insisto no facto, porque a obra é estimada e o auctor conhecido entre nós. O seu livro é hoje rarissimo. Eu mesmo o não pude alcançar. Ha dois (?) exemplares na Bibliotheca publica de Lisboa, onde o li pela primeira vez. As obras de Müller são bem escriptas, methodicas e claras. Por este motivo considerado. E portanto julgando-se menos bem fundada a sua classificação, do que o merece a exposição geral em todo o livro feita com a nitidez que é caracteristica do grande escriptor, maior obrigação me cabe aqui de declarar a não acceito, fundando-me em autoridades dignas de serem contrapostas a tão grande vulto. Consulte-se *Theodoro Goldstücker*. «Pâṇini: His place in Sanskrit Literature», onde o assumpto é discutido.

[1] *Parsis* são os descendentes d'aquelles sectarios de Zoroastro, que depois da queda de Yezdedjerd III, ultimo rei da Persia, da dynastia dos Sassanidas, em 641 P. Chr. se refugiaram na India. (Vidè *Rawlinson*, «The seventh oriental monarchy»). Viveram durante um seculo no Khuzistão, antiga Susiana, onde primeiro entraram. Passaram depois a Ormuz no Golfo persico, e ahi estiveram quinze annos, indo depois para Diu e para o Gudjarate, onde vivem alguns vae em doze seculos. Outros passaram para Bombaim. Os que ficaram na Persia são conhecidos tambem pelo nome de *Parsis*, mais geralmente, porém, pelo de *Guebros*.

Para completar esta nota direi que, fallando-se dos habitantes da Persia, anteriores á invasão musulmana, se diz *Persas, persico*; o ethnico *persano* emprega-se fallando dos que são posteriores á invasão; *parsas* ou *parsis* como fica explicado; *iranianos* ou *eranianos* dos *aryas* que se appellidavam a si proprios *airyas*, e immigraram no Iran (no sentido mais lato, comprehendendo a Báktria) deram nascimento ao grande imperio persa, á religião de Zoroastro, á antiga lingua persa, e áquella em que foi escripto o *Avesta* e se denomina antigo baktrio, ou, mais vulgarmente, zenda. Aos *aryas* que immigraram no Pandjab e se estenderam do Indo ao Ganges e desde os pendores do Himálaya até ás vertentes dos Vindhyas, se chama *aryas-hindus*; *hindus* aos indios descendentes d'estes aryas, taes como os conhecemos pelo *Mahábhárata*, pelo *Rámáyana*, pelo *Codigo de Manu*, etc. É a civilisação dos *aryas-hindus*, cuja lingua, similhante á zenda, nos é conhecida pelo *Rigveda*, que tento delinear rapidamente nesta 2.ª parte do *Relatorio*. Algumas vezes me servirei do termo *hindu* por brevidade em vez de *arya-hindu*, jámais significando os *indios* em geral.

[2] «Aitareya Brahmanam of the Rigv.» intr. pag. 2–3, cf. pag. 11 e sgs. onde se refere a *Müller*.

[3] O. C. vol. 1.º pag. 334 e seguintes.

«are *yajus*, sacrificial prayers in prose (for *yajus* imports sacrifice). Nevertheless, «metrical prayers occur in the *Yajurveda*, and prose in the *Sámaveda*.» .

. . . .

«The *bráhmana* of the *Veda*», diz ainda o mesmo auctor, «is in general a pre-«cept; or it expresses praise or blame, or a doubt, a reason, or a comparison; or «intimates a derivation; or narrates a fact or an occurrence...»

«In a still more general view the *bráhmaṇa* is practical, directing religious ob-«servances, teaching the purpose, time, and manner of performing them, indicating «the prayers to be employed, and elucidating their import.»

O mantra não constitue doutrina. Mas é a base d'ella. O mantra tem origem na necessidade, propria da intelligencia nas duas primeiras phases da humanidade, de se communicar com os entes sobrenaturaes. Era *exoterico*. Reunido em collecções de hymnos, escolhido e formulado em rituaes, tornou-se *esoterico*, como a doutrina que d'elle brotou os Bráhmanas.

A determinação precisa d'estas duas partes dos Vedas conduz a estudar-se primeiramente as Sãohitás e depois os Bráhmanas.

Neste relatorio só fallarei da parte

Sãohitá

In the history of the world the Veda fills a gap which no literary work in any other language could fill.

Max Muller «A Hist. of Anc. Sk. Lit.», prim. ed., pag. 63.

I

Nos tempos primitivos, quando as sociedades começam a constituir-se, os *Codigos*, i. e. livros de leis, de tradições e outros, são formados pela classe que disfructa os ocios necessarios para a especulação mental.

Esta classe, ainda que nem sempre obedeça a um systema hierarchico, podemos chamal-a *Sacerdotal*.

Não nos admiremos, portanto, de encontrarmos na composição escripta dos hymnos vedicos, allusões a cidades, a reis riquissimos e poderosos, a uma certa agricultura, ao conhecimento dos metaes, ao fabrico de adornos, de carros, de instrumentos de musica; de vermos o hindu sulcar os mares, e, conhecedor em astronomia, distinguir (?) entre anno solar e anno lunar e ajustal-os por meio de um mez intercalar[1].

Na India, a casta sacerdotal fez sempre assentar a sua preponderancia sobre a complicação dos sacrificios.

[1] Vidè as Intr. de *Wilson* nos tres primeiros vol. da traducção do *Rigveda*. E tambem *Muir*, «Orig. Sk. Texts.,» vol. 5.º, secção XXIII. *Haug* diz que no seculo XII A. C. os progressos astronomicos dos hindus eram já notaveis. «Ait.-Brah.» pag. 47 da intr. É ponto muito controverso.

Nos tempos mais remotos, a que podemos chegar na recomposição do passado da India, *o culto é totalmente individual;* e ainda mesmo no tempo das Sãohitás o culto vedico não é *culto publico*. Cada individuo tinha o seu *culto puramente domestico*, tinha o seu *ritual exclusivo*. Quando este prevaleceu na successão das familias o culto tornou-se mais unificador, o ritual mais lato.

Os cultos inteiramente individuaes íam, pouco a pouco, d'este modo, desapparecendo; os differentes rituaes modificados uns pelos outros, como as familias pelas allianças, augmentavam de complicação com a união d'ellas. Mas, por isso mesmo que se fundiam, apagavam-se as differenças e mais se consolidavam as garantias sociaes do *culto commum*.

Daqui resultou a necessidade de reunir, em um codigo proprio para os sacrificios eguaes d'um culto commum, os hymnos que se haviam tornado communs. Tal é a feição caracteristica das collecções conhecidas por Sãohitá do Sámaveda, Sãohitá do Yadjurveda. Tal era já a feição caracteristica das collecções que constituem os differentes livros, denominados Mandalas (maṇḍala «circumscripção»), que compõem a Sãohitá do Rigveda—collecção das collecções de hymnos de familias, ou tribus; principalmente das chamadas Gritsamada, Vichuámitra, Vámadeva, Atri, Bharaduádja, Vasixtha.

Ha ali differentes epochas e differentes civilisações.

Na collecção de hymnos, ou, por dizer numa só palavra, na sãohitá do Yadjurveda e na do Sámaveda reuniram-se as fórmas entendidas dos officiantes; ou as mais consideradas, a que, mesmo pelo obscuro sentido, se attribuia um certo poder occulto como é o caso geral nos mantras.

O Sámaveda foi reunido com o fim de servir nos sacrificios do soma. É uma collecção liturgica, tirada do Rigveda, e adequada ao ritual d'aquelles sacrificios. Ha nesta sãohitá apenas setenta e um versos que não se encontram na sãohitá do Rik tal como a conhecemos; isto, porém, não prova que em outra recensão do Rik não se encontrassem[1].

Como o Sámaveda, o Yadjurveda é tambem uma selecção de mantras do Rik, a que, por não bastar a poesia d'este para as necessidades da complicação dos sacrificios diversos para que elle serve, se juntaram mantras em prosa, Yadjus (jaguh «sacrificio») que o caracterisam.

As sãohitás do Yadjuveda são duas: Taittiriya, Vádjasaneyi.

Da trayí ou «tripla sciencia» só o Rik tem caracter historico. Sob o ponto de vista litterario, é, dos tres Vedas principaes, o unico que nos interessa.

O quarto Veda, excluido d'esta trilogia, é o segundo em importancia[2]. Como o Rik, não tem applicação liturgica. O seu caracter é historico; mas ha nelle uma feição que o distingue do Rik: o mantra não é meio de communicação entre os homens e os deuses, é o instrumento de ataque, é a expressão da confiança no poder magico e salutar que elle encerra. É preciso para o estudo da magia, das scien-

[1] *Th. Benfey*, «Die Hymnen des Sâma—Veda». Lpzg., 1848, intr., pag. XXVIII.
[2] Vide *Whitney* «Oriental and linguistic-studies». New-York.

cias occultas[1]; revela-nos uma parte da vida dos aryas que ficaram ao noroeste[2] da India e foram inimigos dos brahamanes. No kánda (kāṇḍa «divisão, capitulo, livro») 15 ha indicações de que este Veda pertencia aos Vratinas, aryas que não viviam a vida brahmanica.

O Atharvaveda não pertenceu a uma familia poderosa de casta sacerdotal. É completamente anonymo. Os hymnos que entram na sãohitá d'este Veda andavam no povo, que se servia d'elles para defender-se e precaver-se da influencia maligna dos espiritos divinos; que os empregava invocando as qualidades beneficas e salutares de certas plantas, como formulas consagradas ao bom successo dos emprehendimentos, contra o risco das viagens, como protecção em todos os actos da vida de cada dia.

Assim o 1.º brahma *(hymno do Ath.)* do 1.º kánda é proprio das abluções da manhã, o 2.º é contra o mal da bexiga; assim o 3.º do kánda 2; assim outros. Os mantras são comparados a frechas ponteagudas que vão direitas ao fim, destroem o inimigo, ou a doença, dissipam o mal, limpam das impurezas, são a força por excellencia.

Na linguagem, é, como nas idéas, popular. Ha no Atharvaveda vocabulos antiquados, que não chegaram a ter cabimento na litteratura propriamente dita, e se moldaram na lingua do povo em fórmas prákritas. O metro dos mantras d'este Veda é por vezes irregular, quasi nunca cuidado como o dos mantras do Rik. Por outro lado, ha no Atharvaveda tambem vocabulos e fórmas grammaticaes mais proprias do sãoskrito classico do que do vedico, e termos que só se encontram nos livros Bráhmanas e na philosophia vedantica.

Pelo estudo comparativo, pois, dos dois vedas Rik e Atharvan, e só por elle, podemos chegar ao conhecimento dos primeiros alvoreceres da intelligencia da nossa raça—*a raça árica.*

A religião official e protegida de um estado não é guia para o estudo da civilisação de um povo. Mas nos tempos primitivos a religião[3] é tudo.

Fallando-se da religião dos Vedas é phrase corrente a de—*Naturalismo vedico.* Não comprehendi nunca bem o sentido d'estas palavras, e hoje me parece não terem idéa correspondente. Por vezes tenho ouvido explicar aquella phrase como designando: *religião da natureza, espontaneadade primordial de concepção e explicação dos phenomenos naturaes.*

Por espontaneadade primordial de concepção não póde entender-se senão a concepção filha de um meio social onde ainda não influe a educação calculada. Mas se no tempo vedico não havia a educação calculada com vistas no desenvolvimento fu-

[1] Consulte-se o artigo de *Grohmann* no jornal de *Weber*: «Indische Studien» *IX*: «Medicinisches aus dem Athavarveda».

[2] Cons. *Weber* «Akad. Vorl. u. ind. Lit.» pag. 163 e sgs. *Muir* «O. Sanskrit Texts» I, 481. Em geral os povos do noroeste da India, eram, como dissidentes, detestados pelos aryas que tinham emigrado até ao oriente, e por estes tidos como impuros. Vide, por ex., *Muir.* «O. S. T.» vol. II, pag. 482 nota L.; Cf. ainda Atharv. XV, 1, 2, 8, 9.

[3] Pelo vocabulo *religião* entendo aqui «o modo de pensar commum, que forma o laço de uma certa sociedade,» ainda mesmo antes do *dogma* estabelecido.

turo, é certo que os súktas *(hymnos do Rigv.)* andavam em certas familias, ou pelo menos aquelles que conhecemos pelo Rik não são anonymos, mas exclusivos de uma familia que os guardava, repetia e augmentava, transmittia de paes a filhos.

A religião, qualquer que seja a epocha das que podemos suppor para as differentes partes do Rik, ainda não tem dogma definido, nem culto publico a elle adaptado, nem hierarchia sacerdotal regulada precisamente para exercicio do culto e defeza do dogma. Neste sentido póde dizer-se que é primitiva.

O estado social dos aryas-hindus, taes como o Rik nol-os retrata, não é a da phase de completo fetichismo; o que não importa a conclusão de que fossem astrólatras, ou menos, polytheistas.

O Rigveda é precioso, justamente, por nos dar a conhecer como pensa o homem na phase de transição das concepções fetichistas para as polytheistas. Os aryas-hindus, porém, nunca passaram pela astrolatria[1]; donde resultou a theocracia brahmanica, a theogonia ou systema religioso explicando as mutuas dependencias dos deuses e dos homens pela importancia do sacrificio, idéa que levantou o Brâhmane acima de Deus; donde resultou na gente rude a idolatria monstruosa da India.

A theologia vedica é a do polytheismo embryonario. Para que se desenvolvesse era preciso que a sociedade vedica passasse pela astrolatria. O arya-hindu, porém, só tarde chegou ao estado sedentario de povo agricultor. As observações astronomicas das tribus vagabundas jámais podem egualar as dos povos agricultores cujos trabalhos dependem eminentemente das influencias meteorologicas. Por falta de observadores que só póde haver no estado sedentario das civilisações, o arya-hindu não chegou á astrolatria; e assim não eliminou muitos deuses, não teve estabilidade nas concepções, nem, por consequencia, nas relações sociaes. A eliminação dos deuses pela astrolatria torna a abstracção systematica, dá á experiencia humana o caracter de acquisição scientifica, e não deixa inconsistentes os seus resultados como é natural em intelligencias divagantes sem doutrina commum.

Na India a abstracção systematica só serviu as monstruosas especulações philosophicas que se conhecem pelos livros Bráhmanas, Áranyakas e Upanixadas. Na India brahmanica perderam-se, por este motivo, quasi todos os resultados da experiencia. Perdidos elles, não podia ali brotar sciencia. Tal é o caracter da sua civilisação. Ali não ha sciencia!![2]

A concepção do mundo dada pelos súktas que compõem os differentes mandalas do Rik é em geral de uma certa simplicidade a que podemos chamar *primitiva,* mas a civilisação que nos revelam é tal que em muitos se encontram phrases consagradas pelo uso, outras que são tiradas de producções anteriores[3].

[1] Vide *H. H. Wilson,* «Rigveda», intr. v. I, pg. XXXVI. Cf. *Haug* «Aih.-Bráh.», vol. I, pag. 45 e sgs.

[2] Vide nota 1.ª de pag. 32.

[3] No Rik se lhes chama pūrva i. e. «anteriores». Assim I, 89, 3 tān pūrvayā nividā humahe vayam «invocâmol-os com antigas nivides (vide pag. 33)»; I. 96, 2; etc. Consulte-se *Haug* «Aitareya-Brâhmanam» 1.º vol. intr. 33 e sg., 36 in fine. Ás formulas consagradas pelo uso chama Haug «formulas stereotypadas».

E de mais: os súktas são de differentes epochas. Não revelam portanto uma civilisação. São productos de mais do que uma sociedade que se justapoem. Empregando pois esta phrase *civilisação vedica,* entenda-se a serie de civilisações ou um termo d'ella caracterisado por aspecto revelado pelos Vedas.

No periodo fetichista, o homem considera cada objecto como ente dotado de vontade propria. O arya-hindu, porém, tem o espirito já livre d'essa vaga preoccupação propria do fetichista nas suas relações com o mundo exterior. Se elle se dirige a uma força da natureza, a um phenomeno personificado, é muitas vezes em fórma de contracto. O mundo cosmico, e as leis que o regem, não existem senão pelo sacrificio [1]. Quando a personificação tomou maior corpo, os deuses foram considerados como mortaes chegados ao estado de immortaes pelos sacrificios que fizeram [2]; Indra é considerado algumas vezes como o melhor dos homens [3]. Os deuses não possuem senão o que lhes é offerecido em sacrificio; são os senhores de todas as creaturas, porque Vichuakarman, o opifice divino, o divino carpinteiro, «o formador de todas as cousas [5]», as offereceu num sarvamedha *(sacrificio de todas as cousas).*

Os deuses mesmo são sacrificadores, o que os sustenta é o sacrificio; sacrificam «para sua propria gloria» ou «offerecem-se a si mesmo em holocausto [4]».

[1] Quatro vocabulos designam a idéa de lei: 1.º dhāman da √dhā «pôr, instituir»; 2.º dharman da √dhṛ «sustentar, manter»; 3.º vrata da √vṛ «cobrir, proteger»; 4.º ṛta da √ṛ «ordenar». Correspondem ás expressões: *a)* «instituição do mundo»; *b)* «conservação do mundo»; *c)* «protecção do mundo»; *d)* «ordem do mundo». Designam as leis physicas e moraes; designam as leis do sacrificio transportado ao céu e em virtude das quaes se mantem a ordem cosmica. O céu «ṛtasja jonih» *vulva, madre, do* ṛta porque é ali que se elabora a *ordem do universo,* ṛta, de que os deuses são meros *guardas* «ṛtasja gopāh» e *guias* «ṛtasja netā». *Este conhecimento indispensavel para a boa interpretação da mythologia vedica, devo-o ao sr. Bergaigne.* O que menciono por terem Roth e Grassman desconhecido o verdadeiro sentido do vocabulo dhāman. O sr. Haug fallando-me um dia das leis do sacrificio, referiu-se á maravilhosa intuição do grande Burnouf a proposito do vocabulo dhāman, e notou contra Roth a traducção dada desse termo em certas passagens do Rik. Só porém depois da explicação do sr. Bergaigne comprehendi o alcance da do sr. Haug.

[2] Chatapatha-bráhmana; Taittiriya-bráhmana; Taittiriya-sãohitá (notas da explicação oral), consulte-se *Haug* «Aitareya-bráhmanam», traducção, pag. 72.

[3] Rigveda I, 30, 9; IV, 22, 2; etc.

[4] Vichuakarman em sk. viśva «todo, tudo, universal», karman da √kṛ «fazer, produzir, formar» (cf. o lat. *creo; caro;* etc. A fórma arica é √skar «cortar, rasgar» daqui a idéa de «formar, arranjar, modelar, produzir, crear» mas tambem a de «destruir, matar». É a idéa do *Creador que dispõe da vida dos entes creados.* Em lat. *curtus* e em gr. Κείρω têem a mesma raiz √kṛ = kar etc., e a idéa de *cortar,* etc.

Vichuakarman é algumas vezes considerado como *Tuaxtri* (tvaṣtṛ). (Vide *Muir* «O. S. T. vol. V pag. 224) «o carpinteiro divino» que tambem é considerado em algumas passagens como pae de Agni (o deus do fogo; lat. *ignis).* Por outro lado Agni como *Roth* explica (Vide *Muir* o. c. vol. IV pag. 9/27) é filho de si proprio como resultado da fricção dos dois aranī (pedaços de madeira, dos quaes um disposto em fórma de cruz, e com uma abertura central, recebe nesta abertura outro pedaço de pau que pela rotação produz o lume). O arani inferior, que recebe o pau que pela rotação produz o deus Agni, é comparado a uma virgem segundo a Vádjasaneyi-sãohitá; consulte-se *Weber, Roth;* Vide «Chatapatha-Bráhmana» etc. como o indica *Muir* «O. S. T.» vol. III, pag. 46/52. Cf. *Muir* o. c. vol. V, 210, e a pag. 204 todo o paragrapho sobre o nascimento e tripla existencia de Agni, ou antes toda a secção XIII e a XIV que se refere a Tuaxtri.

Abstenho-me de proposito de examinar sob o ponto de vista historico-comparativo o «sacrificio de um deus, filho de deus, para gloria do proprio deus, e por esse mesmo deus» como os Vedas o relatam. O facto merece a attenção dos theologos. Vide *Muir,* o. c. vol. IV, e o sabio theologo *Banerjea* «Arian Witness» Calcutta, 1875, que escreve e trata a questão sob o ponto de vista christão, e em defeza do Christianismo.

Revela-nos assim o Rigveda uma phase desconhecida da evolução humana, em que o homem, vendo as cousas do mundo pelas do seu espirito, chega a persuadir-se de que os phenomenos da natureza são dirigidos por homens chegados ao supremo grau de perfeição *(perfeição* é idéa correlativa com a civilisação; nada ha mais relativo do que o ideal de perfeição; na civilisação hindu é a de «sacrificadores eximios» ideal que engrandeceu uma casta embrutecendo uma nação!!).

Nesta phase da evolução humana o fetichismo tende a desapparecer, mas o polytheismo ainda está longe, mais longe ainda o monotheismo [1].

Esta sociedade que o Rik nos revela, em que não ha *deuses* nem *deus,* encerra já em si os elementos de uma epocha de transição. O culto domestico tende a concentrar-se nas mãos do bráhmane; a propriedade a estabelecer-se e a determinar-se, o direito da herança a consolidar-se, a troca a fazer-se em larga escala, a moeda a introduzir-se e a circular.

Nos súktas a par de uma idéa infantil e descuidada, encontra-se outra varonil e pensada [2]. Succedem-se as imagens como o vivo matiz de um vergel á côr escura e toldada de um lago morto; como os aromas suaves ás emanações putridas. Com a pureza das virgens tímidas contrasta a impudencia da mulher que sollicita os homens [3].

O caracter litterario da sãohitá do Rik tambem não é de uma epocha primitiva.

A harmonia, a belleza, a perfeição dos rythmos, revela trabalho calculado, modelado [4]. Mas a composição dos hymnos não corresponde á composição dos versos.

[1] Leiam-se uns excellentes artigos de *G. Wyrouboff* nos tomos X e XI da *Revista* «La Philosophie Positive» sob o titulo «Les civilisations de l'extrême orient sont-elles soumises à la loi des trois états?» Wirouboff conclue perfeitamente, dizendo que as religiões e as civilisações orientaes não devem ser comparadas ás do occidente europeu para se discutirem debaixo d'este ponto de vista, antes são «un type à part soumis à des lois d'évolution tout à fait régulières...» faceis de explicar «en introduisant la considération de race comme élément principal». Eu não diria assim exactamente. É effectivamente a raça que dá o *tom* na concepção do universo. Mas não é *a raça o orgão social proprio para a elaboração definitiva dos systemas intellectuaes denominados religiões, philosophias.*

A religião buddhica teve a sua origem na raça árica, no ramo hindu, e a sua verdadeira elaboração é chineza. A religião christã teve a sua origem na raça semitica, no ramo judaico, e a sua verdadeira elaboração na raça árica, no ramo europeu. A religião brahmanica nunca o foi de um povo em honra de Deus, mas a favor de una casta; ficou onde brotou; estagnou-se, corrompeu-se cada vez mais, e, decompondo-se, nada creou senão a gangrena social.

A philosophia, que ao principio foi a propria religião, mais tarde o criterio contra ella, na edade media da Europa *ancilla theòlogiae,* e hoje entre nós *ancilla scientiae,* não pertence a uma raça; é o resultado do contacto social dos povos transmittindo-se, para um fim commum, o thesouro de saber adquirido e amelhorado em toda a humanidade.

É facil interpretar e explicar as civilisações do extremo oriente *considerando que o elemento raça se isolou e não chegou a adquirir* SCIENCIA *propriamente dita.*

[2] Consultem-se as intr. dos tres primeiros vol. da trad. do Rigveda, por *Wilson,* principalmente vol. 2.º XVI–XVII, vol. 3.º XVII–XVIII. Cf. *Muir,* «O. S. Texts» vol. V, secção XXIII.

[3] Confronte-se por ex. Rigveda I, 124,7 com I, 126,7; e vejam-se no Rigveda as passagens: I, 167; II, 29,1; X, 34, 3, 4, 5; X, 40, 6; etc.

[4] *Haug* «Ait-Bráh.» vol. 1.º intr. pag. 29–30.

Pelo contrario: são, estes, melodias que contrastam entre si, formando por vezes um todo que desagrada.

Póde ver-se nisto um caracteristico das producções que não são transmittidas pela escripta, mas só e unicamente conservadas e transmittidas oralmente na lingua fallada e cantada pelo povo; producções de um conceito profundo, sublime embora inconscientemente, mas sem arte, sem cultivo, sem experiencia, e portanto sem unidade.

Como o diz Regnier [1] «Le peuple est comme l'enfant: pour les détails de la pen-«sée, pour le premier mouvement, la conception, tantôt gracieuse, souvent profonde, «sublime même à son insu, le savant, l'artiste en fait de langage, n'ont rien à lui «apprendre et peuvent souvent apprendre beaucoup de lui; mais ne demandez ni à «l'enfant ni au peuple de combiner, de développer, de suivre un long raisonnement, «d'enchainer entre elles beaucoup d'idées: la suite en toutes choses, dans la pensée «comme dans la conduite, est le propre de la maturité, et en général, pour le lan-«gage, le peuple, je le répète, est enfant.»

Arte, cultivo, experiencia revelam-se em os versos, nas ritchs (ṛk). A unidade no hymno falta.

Em toda a litteratura a que os hindus chamam *vedica* se encontra o mesmo defeito. Encontra-se ainda nos poemas epicos, e em todo o conjuncto de pensamentos, quer estes se traduzam pela phrase poetica, quer pela musica, quer se representem pela pintura, quer na pedra nas obras maravilhosas da architectura ou da arte esculptural.

São incompletos, em geral, como composição, os hymnos do Rigveda; são incompletos tambem, póde dizer-se o Rámáyana, e por certo o Mahábhárata. A grandeza das obras d'arte hindu é geralmente soberba, mas as suas partes mal se ajuntam, quasi nunca se harmonisam.

Na architectura, como na esculptura, como nas epopeas, as dimensões são descommunaes. É assim a arte dos hindus. A sua musica atordôa, desvaira, ou adormece. Os seus poemas são um labyrintho que nos attrahe, afaga, abraça, anima, envolve, aturde, desorienta e perde. A sua architectura maravilhosa prende-nos, cansa-nos, esmaga-nos como o Himálaya se do sopé lhe podessemos olhar para o cume.

Este defeito nos hymnos vedicos provém de duas causas: a 1.ª, natural de epocha primitiva, é a transmissão oral de creações poeticas; a 2.ª, superposição de algumas ou de partes de algumas d'estas creações.

Na sua fórma escripta, muitos dos súktas do Rik são provavelmente apenas reunião de fragmentos, ou reunião de ritchs que de per si bastariam em epocha mais primitiva. Assim os súktas do Rik não são os que saíram da bôca do poeta inspirado; uma parte, pelo menos, é reunião de reliquias conservadas nas familias, de inspirações anteriores a que se juntaram novas inspirações.

A origem do súkta não é outra, segundo Haug. «The Rishis (os poetas vedi-

[1] «Étude sur l'idiome des Védas», intr.

cos)», diz elle, «tired their poetical talent first in the composition of Yâjyâs or «verses recited at the occasion of an offering being thrown into the fire. Thence we «meet so many verses requesting the deity to accept the offering, and taste it. These «Yâjyâs were extended into little songs, which on account of their finished form «were called sûktam i. e. well, beautifully spoken.» [1]

Não se deslembre que o poeta inspirado era apenas um nomada errante, a quem era desconhecida toda a arte. A linguagem da inspiração devia de ser nelle breve, limitada, bem que expressiva, sem metro, apenas com um certo rhythmo.

Assim eram as antigas [2] nivides ($ni + \sqrt{vid}$ «proclamar»·) contendo em breves sentenças os nomes principaes, os epithetos, os feitos, o poder da divindade invocada; indicando a offerta e o fim d'ella, o nome do offerente; sem metro regular, apenas numa especie de rhythmo, de *parallelismus membrorum*, como na poesia antiga dos hebreus [3].

Tal póde ter sido mesmo a origem da ritch. O que explica apparecer ella, por vezes, na composição que designâmos por unidade hymnica, como a exclamação, a interjeição na unidade phrasica.

A par d'esta falta de unidade, opposta á perfeição de metro e de linguagem, o que nos revela superposição, elaboração, differença de epochas, ha o grande desenvolvimento da mythologia e a transformação rapida d'ella mostrando a passagem d'um estado social, o nomada, durante o qual Varuna foi o deus superior, para outro estado social, menos errante, mas ainda não agricola, durante o qual Varuna quasi desapparece deante d'um novo deus, Indra.

Quanto mais primitivo é o homem, menor é a somma de noções adquiridas que constituem a sua experiencia. A unica inducção possivel é a que infere de si mesmo; i. e. que os phenomenos do mundo exterior são da mesma categoria que os phenomenos proprios d'elle. Daqui resulta crer que a materia tem toda egual existencia, differente, apenas, na intensidade das manifestações de vida, pelo movimento. O mundo cosmico é para elle um mundo animado.

É poderosissima a influencia d'esta concepção. A linguagem reflecte todo o mundo exterior pela realidade material que assigna a cada phenomeno. E assim o homem primitivo sabe tudo, nada o embaraça, tudo explica, jamais hesita em affirmar o que crê, porque para elle é real tudo quanto concebe.

Esta explicação do mundo, que é a philosophia primitiva, deu ao homem expressões que parecem metaphoricas e taes effectivamente se tornaram quando deixaram de ser litteraes.

Considerando todos os objectos como seres animados e vivos, mas vendo que

[1] «Ait.-Bráh.» vol. I, intr. pag. 39.

[2] «More ancient than almost all the hymns contained in the Rigveda» diz *Haug* «Ait.—Bráh.», vol. I, intr. pag. 36.

[3] *Haug*, «Ait.-Bráh.» vol. I, intr. pag. 38. Cf. pag. 30 e 31.

alguns podem produzir acções de que elle é incapaz, o homem primitivo não adora esses objectos, teme-os.

Adoração implica idéa de poder infinito. O homem naquelle periodo não conhece senão poderes desegu aes, que explica pelos seus. Reconhece superioridades. Prosta-se humilde, por astucia, implorando benevolencia, offerece o que elle mais aprecia, para captivar a estima, emquanto não vence o estorvo.

Tal é a origem do *hymno*, da *oração*, do *sacrificio*.

Provavelmente no principio predominou a offerta, por isso mesmo que a linguagem no principio é mais mimica do que fallada. Demais a oração tende a tornar-se abstracta, o sacrificio a passar a uma simples ceremonia.

Em epocha em que ainda não se distingue entre materia e espirito, o homem não vê o que designâmos por força, vê o que designâmos por capricho. Quando, mais tarde, separa o phenomeno da cousa em que este se manifesta, concebe-o como dependente de poderes invisiveis. No ponto de transição entre estes dois modos de pensar é fluctuante, inconsistente, incoherente nas suas concepções: é então que a metaphora exerce a sua poderosa influencia.

No Rik o mesmo objecto visivel é umas vezes considerado como parte do universo inanimado, outras como ser animado e poder cosmico: ex. — nos hymnos ao sol, ao firmamento, á terra, — objectos considerados ou como governados por devas particulares ou como reguladores elles mesmos, productores, devas que governam todos os seres.

A inconsistencia é por vezes tal, que o mesmo poeta, conforme o phenomeno o impressionava, assim celebrava o *feito do deva* que julgava *reger o facto*. O mesmo phenomeno dava logar a exaltação, a mero louvor, simples invocação, hymno insignificante ao mesmo deva. Um deva subordinado tornava-se superior na concepção da mesma familia e até do mesmo poeta; ex. — as divindades Dyaus, Prithivi[1].

Esta inconsistencia originava a perda da idéa dos factos; dava-se a abstracção; a linguagem tornava-se metaphorica; o mytho desenvolvia-se.

É assim o fetichismo quando tende a passar ao polytheismo. Se a distincção entre o objecto e o phenomeno que elle manifesta recáe de um modo constante sobre os astros, sobre as constellações, a passagem é inevitavel. Como se disse, porém, o arya-hindu não foi astrólatra.

Mas o culto começava a deixar de ser domestico. O que significa que o periodo fetichista terminava. Qual seria a successão, como seria a transição, como se constituiria o periodo definitivo? O que este foi, sabemol-o pela historia — o *Brahmanismo!* a que nem se deve chamar *Brahmismo!* culto dedicado a uma casta, não a deuses nem a Deus; religião, se religião se lhe póde chamar, que não foi d'um povo, pois que os brahmanes eram os verdadeiros deuses.

Facto unico na historia!... mas que teria nella seu egual se a revolução vivificadora presentida por Aristoteles, inaugurada por Bacon, ganha por Galileu e por Newton, não tivesse dado á epocha moderna o que se chama Sciencia!

[1] Vidè *Muir*, «O. S. T.», vol. v, pag. 4 a 7.

Durante todo o periodo do fetichismo, cada acto da vida humana tem seu aspecto religioso e exige, por sua natureza, que *cada homem* pratique as ceremonias do culto que o põe em relação *directa* com os *deuses sempre accessiveis*, sem necessidade de intermedio. Mas ao passo que o objecto inanimado é separado d'um supposto poder que o rege, os deuses deixam de ser palpaveis, visiveis; o homem não está mais em contacto com elles. Carece-se, portanto, de um intermedio entre o adorador e a divindade; desenvolve-se o sacerdocio e começa a sua influencia social.

Com o sacerdocio entra-se no polytheismo. O caracter distinctivo d'esta phase religiosa manifesta-se do seguinte modo: Os deuses têem durante o periodo polytheista, em virtude do seu logar indeterminado ou remoto, caracter abstracto, muito mais geral do que os fetiches inseparaveis do objecto unico em que residem e sempre em contacto com o adorador.

As condições climatericas e locaes ao norte do Hindustão favoreciam o sacerdocio; porque o solo era fertil, facil a subsistencia. O territorio abria-se no interior em communicações vastas, e, pelos seus limites naturaes, passado o Pandjab, abrigava os immigrados das invasões. Assim tudo concorria para o decrescimento do instincto guerreiro, e para o desenvolvimento dos ocios e do bem estar necessario á classe pensante para dirigir.

O sacerdocio une por um laço commum os homens, até então levados por seu motu proprio. Daqui a consolidação, a estabilidade, a força, pela disciplina, pela regularisação, pela convergencia d'acção. Nenhuma inspiração util se perde, nenhum descobrimento fica esteril, porque tem a sua consagração no sacerdocio, não pertence a um individuo é a acquisição de uma sociedade.

Sob a influencia do sacerdocio cresce, nasce mesmo a instituição (verdadeira instituição) da vida agricola, da propriedade; affirma-se a familia. Com estes tres elementos, e jámais sem elles, constituem-se as sociedades em corpo politico, unicas e verdadeiramente sociedades humanas.

O que até tal momento era apenas a lucta de dois animaes ferozes, é desde logo a guerra que jámais se olvida. Emquanto errante, caçador, pastor, nomada, o homem não se lembra da guerra que a sua tribu sustentou, fez, senão como individuo. A guerra, principal instrumento temporal das civilisações primitivas, não tem influencia social senão depois de ter apparecido o corpo politico.

Mas entre os aryas-hindus a casta sacerdotal não realisou completamente todos estes fins, que são a sua rasão de ser, justamente pela falta de eliminação de deuses a que só a astrolatria, pela qual não passaram, serviria.

A metaphora foi-lhes, mais que a nenhum outro ramo da familia humana, nociva. Porque confundiram em uma só palavra a idéa de *divindade* e a de *intermedios entre ella e os homens*. Chegaram a estabelecer uma hierarchia, o que é approximar-se do polytheismo, mas no cimo de toda ella pozeram o brâhmane, o que é

permanecer no fetichismo, e no peor dos fetichismos — o fetichismo de uma classe!

A palavra que foi a morte da India é a palavra brahman[1].

No sacrificio de Sóma, que era commum aos aryas-hindus e aos aryas-persas (Homa entre estes) usavam uns e outros de um mólho de vêrgas cortadas por egual, com o qual representavam o poder productivo da natureza como elle se manifesta no crescimento das plantas, dos animaes, etc.: *o crescimento, a prosperidade, a abundancia, a riqueza.* A raiz donde se formou este vocabulo é a √bṛh *(brih, breh, brah, barh,* etc.) «despontar, brotar, crescer». Entre os aryas-persas dizia-se barešman; entre os aryo-hindus brahman *(h* sãoskrito=*s, š, z* zenda; *š* pron. *ch).*

A presença do molho brahman em todo e qualquer sacrificio tornou-se indispensavel para a obtenção do bem que elle promovesse. Todos os poderes, quer tivessem de ser exercidos pelos homens que manejavam as armas, quer pelos que serviam de intermedio entre o adorador e a cousa adorada, todos os poderes dos que defendiam e dos que dirigiam, eram dependentes do brahman (não se confunda com *brahmane).*

A supplica, dirigida por cada individuo á divindade que elle julgava propiciar, não teria effeito sem a presença do brahman. Só o brahman dava excellencia á supplica, só elle lhe *punha a virtude.* Daqui a origem de brahman significar *supplica*[2], *a supplica do maximo effeito.* Em breve nasceu a idéa de que o *brahman era o que dava tudo, o supremo dispensador dos bens, o supremo bem, o inteiramente unico e absoluto bem.*

Para o mytho se formar completamente nada faltou.

O mólho das vergas foi substituido na India pelo molho de herva *kucha*[3], e este designado como veda veiu a representar o *summo saber;* não se chamou mais brahman. O mytho de Brahman — «Deus por excellencia» — irrompeu. Eis o monotheismo hindu, como mais tarde o vemos no poema philosophico, a Bhagavadguitá onde se diz «que o Deus uno e indivisivel está sempre presente com toda a realidade no sacrificio[4].»

Ao mesmo tempo, porém, que esta idéa irrompeu, a que lhe tinha servido de

[1] Sobre as differentes significações da palavra brahman leia-se «Ueber die ursprüngliche Bedeutung des Wortes Brahma» de *Haug,* e a mais desenvolvida exposição feita perante a Academia real das sciencias de Munich: «Brahma und die Brahmanen»; Munich, 1871. Consulte-se *Muir,* «O. S. T.», vol. I, secção I a pag. 240 e seguintes.

[2] Brahman significando «supplica, hymno de louvor, expressão de um sentimento pio em honra dos deuses, ou formula contra as influencias malignas» póde applicar-se a todo o texto que tenha caracter sagrado, aos que se chamam mais correntemente stotra. Especialmente, se entende aquella especie de mantras distinctos dos conhecidos como ritchs, sámans, yadjus, i. e. os hymnos do Atharvaveda, e por isto a Sãohitá d'este se chama Brahmaveda tambem.

[3] Kuša é o *Poa cynosuroides,* planta de hastes longas com muitas folhas ponteagudas. Na Egreja, antes de se proceder á celebração do sacrificio da missa conventual, asperge-se o altar com agua benta; o *hysope* metallico é a substituição do mólho de folhas e hastes de *hyssopo,* planta cuja propriedade é *purificar e secar os maus humores,* e por isso «signe très convenable de la purification du corps et de l'âme», diz o padre *Lebrun* in «Explic. des Prières et Cérém. de la Messe.» Paris, 1852, pag. 65.

[4] Bhagavadguitá edição de Schlegel, L. III, *chlokas,* 14, 15. Vidè *Haug,* «O. C.», pag. 7.

base actuou sobre a palavra e confundiu no officiante, que tambem era designado por brahman, as virtudes, as excellencias, o poder supremo e absoluto de Brahman.[1]

O Yadjurveda (Taittiriya-sãohitá) diz positivamente que os *brahmanes* são os *deuses visiveis na terra*[2]. E o Chatapatha-Bráhmana diz que ha duas especies de deuses, os *deuses* e os *brahmanes*[3].

Mais tarde o *brahmane* é dotado do poder de fazer caír do alto solio aos *deuses,* mesmo[4] ao *maior dos deuses, Indra.*

Entre os aryas-persas as metaphoras seguiram outra direcção, não se desenvolveram estes mythos. Quando elles se desenvolveram entre os hindus já os seus irmãos persas tinham avançado na phase de povos agricultores; já o sacerdocio entre estes se tinha elevado á concepção de «Espirito Supremo» Ahura-Mazda, de que fallarei mais adiante.

A reminiscencia das lutas dos aryas-hindus, taes como nol-as dão os seus livros sagrados, fazem-nos ver que o momento ainda não tinha chegado para que o arya-hindu guardasse mais que uma vaga idéa das guerras que tivera no principio da sua residencia no Pandjab. E parece-me poder demonstrar a probabilidade de que os inimigos vencidos nos combates, de que mais viva noticia guardam alguns hymnos do Rigveda, não eram áryas; mas invasores de raça estranha e em tempo a que já a separação definitiva entre aryas-hindus e aryas-persas se tinha completado. Os aryas-persas, pelo contrario, guardaram bem sensivel lembrança dos estragos que soffreram dos visinhos com que estavam em contacto, porque o seu estado politico social se resentia.

II

Os áryas persas e os áryas hindus constituiram dois ramos, emigrados, da mesma familia ethnica a que alguns orientalistas e ethnologos denominam *árica,* i. e. dos *áryas.*

Ignora-se ainda hoje se estes dois ramos emigraram conjunctamente ou em epochas differentes. Auctores ha, que julgam só junto do Indo e do Cabul tivesse tido logar a separação definitiva.

O que unicamente, porém, nos é permittido julgar, em vista da affinidade de linguagem (vocabulario e grammatica), e das intimas relações entre as duas mythologias e até identidade em certas partes do culto peculiares a estes dois ramos, é que os *airyas* e os *áryas,* como elles respectivamente a si proprios se denominavam,

[1] Wenn es *(a palavra Bráhman)* Brahmane im Allgemeinen bedeutet, so bezeichnet es in den alten Liedern einen Mann, der die Kraft des Brahma besitzt, in dem sie zur vollsten Erscheinung kommt, und der das Wachsthum und Gedeihen des Irdischen wie des Geistigen in seiner Gewalt hat.» *Haug,* O. C. pag. 8.

[2] Consulte-se *Muir,* «O. C.», vol. I, pag. 240 em diante.

[3] Consulte-se *Muir,* «O. C.», vol. I, pag. 262, nota 44.

[4] Em toda a litteratura sãoskrita.

viveram vida commum por longo tempo ainda, depois que a maior parte dos outros ramos do mesmo tronco, fixados na Europa, se affastou da patria primitiva. Mas para mim é evidente que quando elles se encontraram, entre o Hindukos e o Himálaya, já formavam dois ramos absolutamente distinctos.

A differença na linguagem, nas concepções cosmogonicas, na organisação domestica e na vida social eram radicaes. Um d'esses ramos tinha caminhado em civilisação muito ávante do outro. E encontrando-se naquelle ponto do espaço, as duas civilisações heterogeneas repudiaram-se mutuamente. O que entre ellas havia de commum e ainda evidente, mais forte tornava a repulsão; e d'este modo á scissão social succedeu a scissão chamada religiosa.

A religião, nas epochas primitivas, é mais tolerante do que em geral se cuida. É uma tolerancia inconsciente, por isso que a intolerancia é caracteristica das epochas proximas dos codigos e dos annaes dos povos, das epochas da historia. Tolerancia calculada, filha da rasão, só póde resultar de um grande movimento de consciencia educada dentro de um meio scientifico, e, alem de scientifico, moral por effeito de sciencia.

A intolerancia só póde começar quando esteja prestes o estabelecimento e a definição do dogma.

Nas epochas primitivas, antes de firmar-se a casta sacerdotal, cada homem explica os phenomenos do universo, e os que se dão no proprio homem, segundo o seu estado psychologico exclusivo. Esta explicação, que é a sua religião, em nada depende da explicação dada pelos outros. A manifestação d'ella, que é o culto, em nada ataca o culto praticado por estranhos. Daqui resulta a tolerancia inconsciente; que a consciente, essa é o respeito da pessoa humana mais caracteristicamente demonstrado.

A intolerancia é sempre a negação d'este respeito. Portanto, antes de se ser intolerante é preciso julgar-se superior. Esta superioridade entre dois ramos da mesma gente dá-se só em virtude do desenvolvimento social.

Eu tenho notado na historia dos povos mais antigos que a rivalidade religiosa é subsequente á disparidade social.

Ramos da mesma gente distanciados entre si por habitos e necessidades sociaes differentes são sempre rivaes.

Os livros sagrados e as tradições apresentam-nos estes dois ramos como irmãos, um dos quaes é o assassino do outro.

Abel e Caim sacrificavam sobre identicos altares e aos mesmos deuses (deus, segundo o ponto de vista theologico). Caim porém, offerecia os productos arrancados á terra rasgada pelo arado, Abel as primicias dos seus rebanhos. A rivalidade do *agricultor* contra o *pastor* levou aquelle a assassinar este.

Caim é «o forjador», o «fabricador de instrumentos agricolas»; é o *heroe solar*. Abel é o que vive sob as tendas apascentando rebanhos como Yábhál ou Jábál; é o *representante do céu nocturno vencido pelo céu alumiado*, é a civilisação pastoril supplantada pela civilisação agricola.

A historia e as tradições dizem-nos mais: O irmão assassino é da raça solar e

funda uma cidade: a vida sedentaria na sua expressão mais subida, e mais contrastante com a vida vagabunda de povos nomadas.

Caim fundou Enoch.

Romulo fundou Roma.

Na India o Mahábhárata é a epopea das guerras tremendas entre os heroes da *raça solar* e da *raça lunar*.

É com o heroe solar que se desenvolve o gosto pelas artes mais significativas da civilisação avançada.

Assim, entre os carthaginezes, Jubál ou Yubál é filho de Adah «a belleza», e o inventor da musica; como, entre os hebreus Jubál, filho de Adah, uma das mulheres de Lamech (heroe solar), foi o pae dos que tocam cythara e orgão.

Apollo (deus solar) é o deus da musica, e seu filho Esculapio tem toda a analogia com o deus carthaginez Jubál.

A *serpente*, que se enrosca dominada ao bordão do filho de Apollo é o symbolo do *raio* e das *chuvas*, do *céu negro*, ou obscurecido pelas nuvens, ou nocturno; é o *symbolo ao mesmo tempo de um instrumento*, o raio rasgador da nuvem, a luz dissipadora das trevas, e *da cousa vencida*, a nuvem represadora das chuvas, as chuvas adquiridas, ou a noite, que tudo esconde, vencida pelo sol, que tudo mostra.

O antagonismo entre os povos pastores e os povos agricultores traduz-se na mythologia pela rivalidade dos dois irmãos, *heroe lunar*, e *heroe solar*; e em toda a evolução religiosa pela decadencia de *deuses nocturnos* e pela elevação e engrandecimento de *deuses solares*.

Este facto é evidente na mythologia hindu.

Varuna (varuṇa, da √vṝ «cobrir, envolver, esconder, represar») é «o que envolve como a obscuridade»[1] é um deus nocturno, e no *periodo solar dos Vedas* considerado como *inferior* a Indra, o deus do espaço luminoso.

Os áryas, do periodo vedico mais avançado, faziam bem positivamente à differença entre o *ceu luminoso* e o *outro ceu*, nocturno por consequencia. Assim diz o Rigveda x, 132, 4, dju (da √div «brilhar»), do ceu luminoso, em contraposição a varuṇa o outro ceu.

Considerando-se varuṇa não como uma denominação do ceu escuro, tenebroso, nocturno, mas como um deus, a sua morada, a morada de Varuna, é o *mundo invisivel*, é o setimo mundo, o que está fóra e abaixo dos tres ceus e das tres terras[2].

O Taittiriya-Bráhmana diz em termos precisos, «Mitra é o dia» e «Varuna é a noite[3].»

E se em algumas partes dos Vedas Varuna anda ligado a Mitra, em geral havido como deus solar, isto não é digno de estranhar-se; porquanto mitra é verdadeiramente o epitheto de qualquer divindade *amiga*; assim o Rigveda diz em I,

[1] Consulte-se *Muir*. «Orig. Sk. Texts» V. pag. 59.
[2] Rgv VIII, 41, 4-9.
[3] *Muir* l. c., pag. 58.

14, 10 «Ó Agni, bebe o summo do Soma, e comtigo juntamente Indra, Vayu, e todas *manifestações mitricas* i. e. *amigas*».

Varuna foi portanto um deus nocturno, para os áryas que desceram até ao Pandjab.

Quando os hymnos vedicos começaram a ter desenvolvimento, Varuna tornou-se o centro onde íam convergir todos os grandes attributos dos deuses vedicos. Mas, ao passo que a civilisação foi entrando na phase agricola, Varuna foi decaindo, até que por fim foi de todo supplantado por um *heroe solar,* Indra: como heroe, chefe guerreiro; como deus, deus do espaço luminoso.

O deus nocturno Varuna cuja concepção é absolutamente árica [1], foi substituido no pantheon hindu por um deus nacional, exclusivo da India [2]; ao qual nos Vedas se chama muitas vezes vṛtrahā «matador de Vritra», mas unicamente por designal-o «victorioso», significação que este vocabulo tinha já na epocha definitiva

[1] Está hoje demonstrado que o vocabulo varuṇa corresponde etymologicamente a οὐρανός. O nome no periodo proto-arico conclue-se fôra varana designando o ceu.

O Avesta não menciona o deus Varuna, mas menciona uma *região de quatro angulos a que tenta ganhar a serpente das tempestades,* e esta região é varena. Aos demonios que *tentam escalar o ceu,* chama o Avesta «daeva varenja». Aos *quatro angulos de* varena correspondem na concepção vedica as *quatro faces de Varuna.*

[2] Vide *Roth* «Zeitschrift der DMG» vol. 2.º, 216, e vol. 6.º e no «Sanskrit Woerterbuch» s. v. Indra. «Er ist im Ursprung nicht der oberste, aber der nationale Gott und Liebling der arisch-indischen Stämme, ein Vorbild der zu edlen Zwecken thätigen Heldenkraft und tritt mit der allmähligen Verdunkelung Varuṇa's immer mehr an die Spitze».

Diametralmente opposta era a opinião do meu mestre, o sr. Haug, com que eu não posso concordar.

Pensava elle que o demonio Andra de que falla o Fargad X do Vendidad no Avesta é o deus Indra do Rik, e acceitando esta identificação já feita por Burnouf no «Commentaire sur le Yaçna», cap. I, nota 584, via naquella passagem do Avesta uma lista de *deuses vedicos* tornados *demonios avesticos.*

E porque o proprio nome deva «deus» entre os hindus é daeva «demonio» entre os zoroastrianos (os áryas persas, sectarios de *Zoroastro),* concluia que os deuses de uma religião eram os demonios da outra e que portanto tinha havido *scissão religiosa.*

Demais, era para elle comprovativo d'esta theoria designar o vocabulo dasju, em sãoskrito, «os inimigos (religiosos)» dos hindus, e em zenda o vocabulo, correspondente etymologico, daqju designar a gente eraniana, os airyas.

Não pude nunca acceitar, em todos os seus pormenores, a theoria hauguiana da *scissão religiosa.*

Toda esta parte do presente relatorio é a exposição das minhas idéas, que reconheço serem em contrario ás do sr. Haug, cuja theoria me parece estar em plena contradicção com o facto de summa importancia— *a identidade de concepções religiosas.* Ora onde ha as mesmas concepções religiosas não ha schisma.

Como se vê do texto, eu julgo que a *scissão religiosa* teve por base a disparidade da civilisação, do estado social,—agricola entre os eranianos, pastoril entre os hindus, .

Harlez traduz a passagem de que se trata do seguinte modo: «J'expulse Andra, Çaoru, Nâonhaïti, ...» e em nota diz: «La ressemblance des noms a fait assimiler ces trois devas à Indra, Çiva et aux Açwins de l'Inde; mais cette assimilation repose sur une base bien fragile». («Avesta, Livre sacré des sectateurs de Zoroastre», tom. 1.º, pag. 193.)

Em alguns textos avesticos lê-se tambem iñdra; mas os melhores manuscriptos dão añdra. O que está de accordo com a fórma huzvarez, andar como leio no «Handbuch der Zendsprache» de *Fernando Justi,* s. v. iñdra.

Demais, *Spiegel* (ap. *Muir* «O. S. T.» V pag. 121, nota 212) diz que o vocabulo só se encontra mais uma vez no texto publicado por Westergaard, a pag. 475, mas que lhe parece ser interpolado.

Demonstrado que Indra não é nome de uma divindade commum a nenhum outro ramo árico, é de nenhuma importancia o facto de elle se encontrar em hymnos dos primeiros mandalas, e mesmo em hymnos com caracter antigo. Porque isto explica-se como resultado da formação da sãohitá, e não da producção hymnica, da formação do sukta.

da separação [1]. Indra, porém, não é o verdadeiro Vritrahá do mytho commum aos áryas, persas e hindus [2]. Este foi o archetypo de Indra, quando Indra de heroe passou a deus [3].

A par d'estes vestigios de transformação theogonica, e de transformação na concepção religiosa, ha os vestigios de transformação social.

Os áryas hindus, ao tempo em que habitaram a região norte do Pandjab, só occasionalmente, obrigados pela necessidade de se alimentarem, cultivavam uma ou outra pequena porção de terreno [4]. Só tarde chegaram ao periodo de desenvolvimento social durante o qual a agricultura é occupação permanente. Ainda mesmo no tempo da redacção do «Codigo de Manu», a agricultura é para os hindus cousa de pequena estima [5].

Ha no Rigveda um hymno que póde considerar-se dirigido ao *genio da terra e da agricultura.* É o hymno 57 do maṇḍala IV. Compõe-se de differentes fragmentos, reunidos, talvez, porque se trata nelles de cousas similhantes, mas não é um hymno caracteristico; assim: kṣetrapati «o senhor, o protector dos campos» (ritch 1-3), śuna «o crescimento, a prosperidade (das sementeiras?)» (ritch 4), sitā «o rêgo» (ritch 6, 7), śuna-sīrau «a prosperidade e a charrua» ritch 5, 8).

Yáska explica śuna-sīrau identificando este dual com vāju (Váyu) «o vento» e aditja (Aditya) «o sol».

Outras auctoridades identificam este mesmo dual com Indra e Váyu, ou com Indra e sūrja (Súrya) outro nome do sol. Alguns indianistas, porém, julgam que sīra é a personificação da *relha do arado,* e śuna (chuna) a doutra parte do arado ou da charrua.

[1] O mytho de Vritrahá entre os hindus, ou de Verethraghna entre os eranianos refere-se aos phenomenos luminosos e meteorologicos.

Originariamente vṛtrahā disse-se do *raio:* a raiz han ou ghan significa «desviar, rasgar, matar»; vṛtra significa «o que esconde», √vṛ «encobrir»; e dizia-se da *nuvem que esconde as aguas, que as represa e que detem os raios da luz, da nuvem caliginosa que entenebrece o espaço precedentemente limpido e azul.*

Vṛtrahā «o matador de vritra» é o raio, ou o deus do raio, como cousa ou como personificação. Entre os eranianos Verethraghna é o companheiro de Mithra «deus da luz». É elle que derruba com a sua terrivel massa os espiritos das trevas; é elle que, senhor do raio, accendendo o vivido relampago, rasga a nuvem e solta as aguas, chuvas de abundancia, e abre á luz o espaço e dá vida a toda a natureza.

O mytho era commum; e já na epocha da separação definitiva, diz *Miguel Bréal* «Hercule et Cacus», vṛtra ou veretra tinha apenas o sentido de inimigo, e vṛtrahā o de victorioso.

[2] A confusão de Indra vṛtrahā i. e. *vencedor* com o Verethraghna do Avesta é impossivel. Cf. *Spiegel* «Die heiligen Schriften der Parsen» vol. II, pag. cx, e «Indische Studien», vol. III, pag. 419.

[3] Compara-se Indra ao deus mais antigo Trita como vencedor dos demonios—vṛtrahā, I, 52, 5; 187, 1; e diz-se de Indra—āptja como de Trita; X, 120,6; comparado com I, 105, 9, āptja *(áptya)* significa «que se refere a apta» i. e. ás aguas, apta «aquoso» e é epitheto de Trita como filho da *agua* por Agni «o Fogo».

O grego Τρίτων, e a identificação de Trita com Traitana, no zenda Thraétaona o Feridun do Xáh-Námeh, cujo pae diz o Avesta é Athvya, e no poema de Firdosi, Ábtin «habitador das aguas» (Vide *F. Justi* «Handbuch d. Zendsprache» s. v. āthvja «wasserbewohner»), leva-nos a dizer que a concepção de Trita é *proto-árica,* emquanto que Indra não póde ser identificado a nenhum dos deuses da mythologia grega, nem mesmo eraniana.

[4] *Haug,* «Essays on the Sacr. Lang. and. Writ. of the Parsees», pag. 249.

[5] Codigo de Manu X, 84.

A palavra lāngalam «charrua», que se encontra na quarta ritch deste hymno não se vê mais em todo o Rigveda; sīram só se lê alli duas vezes designando instrumento aratorio [1].

Na ritch quarta emprega-se o verbo kṛṣatu, 3.ª s. imprt. da √kṛṣ (kars, etc.), cuja significação primitiva parece ter sido «abrir rêgo». Desta raiz se formou o substantivo feminino kṛṣi (leia-se *krixi*) «agricultura», que não se lê neste hymno nem em todo o Rigveda senão na ritch 13 do hymno 34, X. E todavia esta raiz é antiga, encontra-se nas linguas congeneres na Europa, taes como no russo, no lithuano, e na Asia no zenda, e até nas linguas do planalto do Pamir, exemplo no *ghalchah* [2].

Os áryas persas, pelo contrario, exaltavam, com louvores cheios de enthusiasmo, a agricultura, que julgavam a cousa mais agradavel á terra [3], e a que, na sinceridade de sua crença, davam o nome da *obra pura e santa de* Armaiti [4].

Praticavam a agricultura de um modo permanente, conheciam o modo de proceder á irrigação dos terrenos seccos, sabiam estancar os pantanos, e cultivavam as arvores de fructo [5].

Os áryas hindus atacavam os seus visinhos agricultores, destruiam-lhes as propriedades e saqueavam-nas, locupletando se com os despojos [6].

Os áryas persas obrigavam os áryas hindus a lavrar a terra, e algumas vezes os pastores, levados espontaneamente ou por força, entravam nas communidades agricolas, e prestavam então juramento de nunca mais seguirem a vida nomada, nem adorarem os devas (os deuses dos aryas hindus), e só obedecerem fielmente a Ahuramazda [7].

A fórmula abjuratoria, tal como a conhecemos pelo Avesta, revela-nos ainda

[1] Rgv. X, 101, 3, 4, Cf. tambem I, 117, 21; VIII 22, 6; logares onde se lê vṛka que Sáyana interpreta lāngalam.

Em alguns logares, poucos, falla-se de urvarā «terra lavrada».

[2] Vide «Journal of the Asiatic Soc. of Bengal», N.º II, 1876, pag. 190.

[3] Avesta, Vend., Farg. III, 11–20, e 75 e seg. Yachna XXXI, 10.

[4] Armaiti, o genio da terra. Cf. *Haug* «Essays» pag. 159, e «Die fünf Gâthâs», vol. II, pag. 49. Yachna XLVII 2, ou *(Spiegel)* XLVI, 2.

No Rigveda encontra-se o vocabulo aramati «Andacht, Genie des Andacht» segundo *Grassmann* «Woerterbuch zum Rigveda», e o *Diccionario de S. Petersburgo* traduz «Dienstbereitheit, etc.» e mais, como personificação, «die Genie des Cultus, etc.» Mas o sr. *Haug*, postoque acceitasse a significação de «devoção, súpplica», dava ao vocabulo aramati a significação de «terra» em dois logares do Rik X, 92, 4 e 5. O que reveste o Genio feminino Aramati do Rik de um caracter identico ao do genio Armaiti do Avesta. Vide *Haug* «Zend Studien» no vol. VIII do jornal «Zeitschrift d. DMG.»

Completa a identidade a outra feição vedica de Aramati, que é a amante de Agni, o deus do fogo; e no Avesta, Armaiti é a filha de Ahura, o deus supremo eraniano.

Em mythologia *irmã, filha, amante,* são synonimos, equivalentes, ou evoluções de uma só idéa, *a de amante.* Assim neste pensamento, que a *oração,* a *supplica: é a amante do deus, a que procura e se lhe entrega e toda se lhe dá.*

[5] *Haug* «Essays». Avesta, l. c.

[6] *Haug* «Essays», pag. 249; «Die fünf Gâthâs», vol. 2.º, pag. 133; «Aitareya-Bráhmana», vol. 2.º, pag. 51, § 23. Cf. *Spiegel* «Commentar über das Avesta», vol. 2.º, pag. 375–377.

[7] Repudiando os daevas e entrando no *gremio da gente mazdeiana,* os pastores faziam um juramento seguido de um *Credo* ou *profissão de fé,* cuja fórmula é conhecida pelo *Yachna* XIII (segundo *Spiegel),* ou XII (segundo *Westergaard* a que segue *Haug).* Esta profissão de fé é escripta num estylo similhante ao das Gá-

outro facto de grande importancia: O casamento era já consagrado pela religião dos áryas persas.

O homem casado, o *pater-familias* é no Avesta o modelo do homem de bem.

No Rik não conheço facto nenhum que sirva de fundamento a que possa dizer-se que era já *instituição social* o casamento entre os áryas hindus [1].

Alguns episodios do Mahábhárata, que certos indianistas julgam poder referir a epochas vedicas, revelam que entre os áryas d'esse tempo se dava o rapto, a polygamia, e mesmo a polyandria. E d'esta nos mostra vestigios o proprio Rik na ritch 5.ª do hymno 119, V.

Ora a polyandria é a fórma de constituição de familia mais propria dos tempos em que o homem errante não póde sustentar muitas mulheres, nem mesmo uma para cada homem constituir familia.

Duas civilisações tão distanciadas em progresso não podem permanecer uma ao lado da outra.

thás, e é toda quasi tão antiga como estas. Resumo de toda a doutrina zoroastriana, mostra bem que é o resultado de uma civilisação já avançada.

É assim a traducção de *Haug:*

1 — I cease to be a Deva worshipper. I profess to be a Zoroastrian Mazdayasna (worshipper of Ahuramazda), an enemy of the Devas, and a devotee to Ahura, a praiser of the immortal saints (Amesha spentas), a worshipper of the immortal saints. I ascribe all good things to Ahuramazda, who is good, and has good, who is lucid, shining, who is the originator of all the best things, of the spirit in nature (gâus), of the growth in nature of the luminaries and the self shining brightness which is in the luminaries.

2 — I choose (follow, profess) the holy Armaiti, the good; she may be mine! I abominate all fraud and injury committed on the spirit of earth, and all damage and destruction of the quarters of the Mazdayasnas.

3 — I allow the good spirits who reside on this earth in the good animals (as cow, sheep, etc.) to go and roam about fare according to their pleasure. I praise, besides, all that is offered with prayer to promote the growth of life. I shall cause neither damage nor destruction to the quarters of the Mazdayasnas, neither with my body nor my soul (i. e. nem combatendo contra elles, destruindo-lhes pastagens, roubando-lhes gado, arrasando-lhes as casas, nem illudindo-os e praticando actos do seu culto sem crer na sua doutrina, commettendo peccados, o que esterilisa a terra, paralysa todo o crescimento, obsta a toda a prosperidade, como se vê do Fargad IX.)

4 — I forsake the Devas, the wicked, bad, false, untrue, the originators of mischief, who are most baneful, destructive, the basest of all beings. I forsake the Devas and those who are Devas-like, the witches and their like, and any being whatever of such a kind. I forsake them with thoughts, words and deeds; I forsake them hereby publicly and declare that all lie and falsehood is to be done away with.

5, 6 — In the same way as Zarathustra, at the time when Ahuramazda was holding conversations and meetings with him and both were conversing with each other, forsook the Devas: so do I forsake the Devas, as the holy Zarathustra did.

7 — . .

8 — I am a Mazdayasna, a Zoroastrian Mazdayasna. I profess this religion by praising and preferring it to others, I praise the thought, which is good, I praise the word which is good, I praise the work, which is good.

9 — I praise the Mazdayasna religion, and the pure brotherhood, which it establishes, and defends against enemies, the Zoroastrian Ahura religion, which is the greatest, best, und most prosperous of all that are, and that will be. I ascribe all good to Ahuramazda. This shall be the praise (profession) of the Mazdayasna religion.

Assim termina a curiosissima *Profissão de fé* dos que abjuravam renunciando as praticas dos adoradores dos Devas e passando-se á religião pura de Ahura-Mazda.

[1] Spiegel traduz a ultima parte da *Profissão de fé* de modo bastante differente, por ser differente o texto. A lição variante é para mencionar-se. Della concluo que naquelle tempo o casamento entre os áryas-persas

Á scissão social entre os *airyas* e os *áryas*, seguiu-se como consequente necessario e por motivo de linguagem, uma especie de scissão religiosa. Uns e outros adoravam de modo quasi identico, mas o objecto do culto de uns tinha nome execrando segundo a concepção dos outros, o que tornava abominavel tal devoção.

Os dois ramos áricos ficaram separados para sempre, e cada um seguio desenvolvimento distincto e caracteristico na sua civilisação.

Os áryas hindus occuparam a parte da India que se prolonga do occidente ao oriente entre o Indo e o Ganges, fechada ao norte pela cordilheira do Himálaya e confinando ao sul com as vertentes dos montes Vindhyas. Deram a este territorio o nome de ārjāvarta «habitação, residencia dos áryas».

Os áryas persas estabeleceram-se entre os montes do Turkestão e do Kirmão, limitados a oriente pela linha que passa pelo Hindukos e os fechava num vasto trapezio com a linha determinada a occidente pelo *grande deserto de sal*. Á sua nova patria deram o nome de airjanem vaego «habitação, residencia dos airyas», donde por intermedio da lingua *pahlavi* se deriva a palavra de *Iran* ou *Eran*, e o ethnico *iranianos* ou *eranianos*.

A causa desta dupla emigração, para paizes em direcções diametralmente oppostas, não foi provavelmente só a luta entre os dois ramos.

É por certo mais complexa. A natureza fertil ao oriente do Pandjab attrahia os pastores a entrar naquellas regiões. Os valles ao occidente deram aos áryas persas a direcção para caminharem para o planalto do Iran. Mas, facto notavel, coincide com esta dupla emigração a apotheose dum heroe, guerreiro de que só fallam os livros vedicos [1], e de que magnificos hymnos nos relatam os feitos maravilhosos.

Este heroe, que mais tarde foi o Deus supremo da India classica, é Indra.

não era mais praticado como entre os áryas-hindus, tinha já o cunho de instituição social. Entre os áryas-hindus havia ainda o rapto, a polyandria, a polygamia, o incesto principalmente no caso da mulher sem *filho* que representasse o *marido* na successão, etc. V. «Indische Studien», vol. v. Ainda hoje é proverbio corrente: oḍre brātṛ-vadhū-bhoge na doṣaḥ «Não ha mal, em Orissa, em se cohabitar com a mulher do seu irmão», ou na doṣa oḍre brātṛ-vadhū-bhoge.

Segundo o texto publicado por Spiegel, traduz este a parte correspondente ao n.º 9 «(Ich preise) die Heirath unter Verwandten, die reine, von den seienden und sein werdenden (Frauen), die beste, grösste, schönste, die ahurische, zarathustrische, etc.»

Já no Vispered III, 18, se lê «... Die, welche in der Verwandtschaft geheirathet haben verlange ich.»

Por parentes, por parentesco, talvez deva entender-se «os que seguem a religião de Ahura-Mazda» porque os casamentos não pediam fazer-se fóra da gente mazdeiana. O fiel que unisse a sua semente á semente da infiel, diz o Fargad XVIII, 123, 124, offende do mais grave modo a Ahura-Mazda: «Wer übt an dir, der du Ahura-Mazda bist, die grösste Rache, wer thut dir die grösste Plage an? — 124. Darauf entgegnete Ahura-Mazda: Der, welcher den Samen vermengt der Frommen und Unfrommen, ...»

Com isto, porém, não quero negar-me a acceitar que fossem abençoados, de modo tão significativo, os casamentos entre *parentes da mesma familia*, que não ignoro eram legaes nos tempos primitivos os casamentos entre irmãos e irmãs.

Em todo o caso o casamento estava já sanccionado por lei, sanctificado pela religião. Eis o ponto capital e de differença entre os costumes, entre a moral *social* dos áryas-hindus, e a dos áryas-persas: «Pelo que respeita ao estado de casamento, ó Santo Zarathustra, prefiro o homem casado ao que o não é.» Vendidad IV, 130, 131. Cf. todavia Rgv. x, 85.

[1] Vide nota 2 de pag. 40; e 1, 2 e 3 de pag. 41.

E porque delle não fallam os livros avesticos, parece-me poder concluir que a scissão estava completa entre os dois ramos áricos ao tempo em que os airyas emigraram para o Iran, e antes dos áryas emigrarem para as bandas do Ganges.

Dentre todos os hymnos que celebram os feitos heroicos de Indra, ha dois notabilissimos. E nestes uma passagem em cada um dão-me fundamento para uma hypothese talvez arrojada, mas que, me parece, é a traducção natural dos factos que ellas denunciam, e os quaes marcam um ponto no espaço e um momento no tempo para referirmos ahi uma causa da emigração *hindu*.

Estas duas passagens são: Rigveda, II, 30, 8, e IV, 30, 14.

O primeiro texto diz-nos que Indra venceu e matou — vṛṣabhā śaṇḍikānām — «o toiro dos chandikas» i. e. explica Sáyana no seu commentario — śaṇḍa-vāśjānām madhje pradhānam — «o primeiro (chefe ou mestre) entre os descendentes (ou discipulos) de Chanda».

O segundo texto diz-nos: uta dāsā kaulitaram bṛhataḥ parvatād adhi avâhann indra śambaram — cuja traducção é pela mesma ordem de palavras «Sim! o inimigo kaulitara da alta montanha (descido — adhi prep. reg. ablativo), tu venceste, ó Indra, Chambara». Neste texto, kaulitara parece-me ser patronimico de Chambara. Alguns sãoskritologos dizem «venceste o inimigo kaulitara e Chambara».

Em todo o caso o vocabulo kaulitara é patronimico e a sua traducção é «filho, descendente da raça de kulitara».

Póde trasladar-se, portanto, a linguagem portugueza, toda a ritch da seguinte maneira: «E tu venceste, ó Indra, a Chambara, da raça de Kulitara, inimigo descido das altas montanhas».

Para determinação do local devo dizer, que em ambos os hymnos de que cito estas passagens, é viva a lembrança, e positiva a referencia, aos rios *Indo* e *Sarasuati*, que mais tarde quasi se apagou da memoria dos hindus, quando immigrados nas terras do Ganges.

Que descendentes seriam estes de Chanda e de Kulitara ou Kulitêru (*a* antes de *r* sôa como *é* em portuguez).

É o ponto capital que vamos examinar.

Não se encontra em parte nenhuma do Rigveda o vocabulo śaṇḍa. Sáyana, como vimos, explica o vocabulo śaṇḍikānām, g. pl., por outro genitivo do plural cuja traducção é a que demos. Ahi se encontra no primeiro membro do tatpuruxa (composto de dependencia) o nome śāṇḍa sobre o qual nada esclarecem os diccionarios. No Rigveda encontra-se śāṇḍa que os auctores do *Diccionario de S. Petersburgo* dão como patronimico e nome d'um homem. Este patronimico diz «filho, descendente de Chanda.» O hymno que é o 63.º do maṇḍala IV, é obscuro; e a ritch 9.ª, onde se encontra o nome, obscurissima.

No Yadjurveda, na Vádjasaneyi-Sāohitá, segundo o *Diccionario de S. Petersburgo*, śaṇḍa é nome proprio do «Purohita (padre) der Asura, Sohner des Çukra.» Estamos em plena mythologia. Só ha a concluir que Chanda é o nome de um homem, chefe de uma religião opposta á dos áryas hindus.

Agathias, segundo *Beroso*, chama Σανδης ao *Hercules assyrio.*[1] E em um vocabulario de Babylonia Bar é explicado pelo correspondente Zindu; os quaes ambos são applicaveis, segundo *Rawlinson*, ao *Hercules assyrio* ou *Homem-toiro* dos assyrios.

Na celebre inscripção de Tuklat-Habal-Asar, mais conhecido pelo nome de Tiglath-Phalasar ou Tiglath-Pileser I, lê-se o nome d'um rei, contra quem se bateu o monarcha assyrio, e a quem fez captivo, que sob as fórmas Kili-Teru, filho de Kali-Teru, me parece deva comparar-se ao patronimico kaulitara de Chambara[2].

É tambem notavel que, no Yadjurveda, Chanda seja o Purohita dos Asuras, e que só depois da separação definitiva, e já no Hindustão, e só entre os hindus, se désse aos demonios, aos inimigos religiosos dos hindus sectarios de *Indra*, o nome de asura, que entre *áryas* e *airyas* antes da separação, e ainda entre os *áryas hindus*, foi a designação do *deus supremo.*[3]

Para isto concorreu por certo a apotheose de Indra em opposição a Varuna que *deus supremo* o era como *envolvente pela obscuridade nocturna, conhecedor de tudo, castigador*, (√ vṛ «envolver, reprezar, reprimir»), e portanto facil de no periodo dos deuses salares se classificar entre os deuses supremos que são *ao mesmo tempo propicios e maleficos*, qualidades de que o Avesta falla como proprias dos deuses quando diz de Mithra que elle é «para os paizes e para os homens o *mal* e o *melhor bem*

[1] Apud *Rawlinson* «History of Herodotus», vol. I, pag. 649 a 650 da 3.ª edição.

Lendo eu, um dia, diante do sr. Foucaux, professor de sãoskrito no «Collège de France» esta parte do presente relatorio, o distincto orientalista disse-me que o Rev. K. M. Banerjea, de Calcutta, tinha escripto um livro «The Arian Witness or the testimony of arian scriptures in corroboration of biblical history, etc.», Calcutta, 1875, onde se lê o mesmo que deixo escripto neste logar. Não conhecia o livro. E mezes depois, só, o comprei. Li-o, e faço esta declaração. O leitor de boa fé saberá ver que o ponto de vista do Rev. Banerjea é differente do meu, e as conclusões tambem differentes. Mas o que o leitor alheio a estes estudos não póde ver é que ha muitas citações erradas naquelle livro, por falta de correcção de erros typographicos; ex.: pag. 22, em vez de Rgv. I, 1, 22, leia-se Rgv. I, 22, 16, 17.

Para o que chamo a attenção do leitor por ser interessantissimo o livro do sr. Banerjea.

[2] *Rawlinson* «Inscription of Tiglath-Pileser» in «Records of the Past», vol. V. — «Assyrian Texts», pag. 10.

[3] A palavra asura em sãoskrito é a correspondente morphologica e ideologica de ahura em zenda. A significação mais proxima da originaria parece ser «senhor, soberano».

Em sãoskrito encontra-se asurjam «o poder supremo dos deuses»; mas o vocabulo asura perdeu em sãoskrito o valor primario e tem já nos Vedas a significação, como substantivo, de «Deus» e se diz dos deuses em geral, especialmente de Varuna, Rgv, V, 11, 1; 15, 1; X, 10, 2; I, 108, 6; VII, 36, 2.; etc., etc.

Fick a pag. 280 do vol. I do seu «Vergleichendes Woerterbuch der Indogermanischen Sprachen» diz que asura=ahura e julga, não affirma, ser o «productor da vida». Mas dá o vocabulo como derivado de asu «Leben» e compara-o ao zenda añhu «Herr» dando como raiz commum a √as, asmi, gr. εἰμί asti gr. ἐστί.

Por outro lado añhu em zenda tambem significa «mundo», como em sãoskrito, de «sopro, respiração, vida», passou a ter a de «mundo» onde entram todos os *sopros vitaes*, toda a vida que se denota pela respiração, o mundo de Yama (Rgv. X, 15, 1).

Assim pois seja qual for a origem de asura e de ahura, nota-se identidade nas duas linguas áricas asiaticas, no vedico e no zenda.

Finalmente no Rgv. VIII, 42, 1, Varuna é o *omnipotente* asura como o deus supremo eraniano Ahura-Mazda.

Cf. nota 4, pag. 47.

ao mesmo tempo». E como *envolvente* facil tambem de confundir-se com Vritra (vṛtra «envolvente»), a nuvem que separa a agua das chuvas e a que o raio rompe, rasga e arranca a riqueza da agricultura; deus portanto decaído, considerado como demonio.

Mas é possivel que concorresse tambem uma invasão de povos vindos das bandas da Assyria e adoradores de Axur[1] ou perseguidos pelos guerreiros de Axur e entrados, no desfilar precipitado da fuga perseguida descendo as *altas montanhas*[2] que estão da outra banda (a occidental) do rio *Sarayú*[3], com os adoradores de Axur no paiz do *Indo* e da *Sarasuati.*

É provavel que estas causas fossem conjunctamente as da transformação da idéa expressa pela palavra asura, porque a mythologia que mais se affirma não é a filha unicamente da linguagem.

É grande a influencia da idéa sobre a palavra, e a da palavra sobre a idéa, mas para que o mytho se affirme é preciso que a palavra não represente mais a idéa, que a cousa que ella expressava tenha desapparecido. Ora, no Rik, Indra ainda é asura, e é asura vencedor de (outros ?) asuras.[4]

Se a palavra asura representasse no periodo solar da apotheose de Indra um *inimigo vencido*, um *demonio esmagado*, um *espirito do mal*, *unicamente*, a transformação mythologica explicava-se conveniente e satisfactoriamente sem carecer d'outra ordem de factos mais do que os da ordem psychica; mas esta coexistencia das duas idéas asura «deus supremo», asura «inimigo», designando ao mesmo tempo a qualidade excellente, soberana e divina, omnipotente, de Indra, o deus supremo dos hindus, e a qualidade malefica, infima, demoniaca e de vencido, dos inimigos religiosos dos hindus, é facto singular de que não conheço analogo, e que não fica sufficientemente esclarecido para o meu espirito do modo pelo qual o explicam Mestres a quem respeito.

[1] Os assyrios. O nome axur ou, como escrevem os inglezes, ashur, das inscripções cuneiformes, tem as significações do vocabulo asura em sk. e ahura em zd. A raiz destes é, como fica dito, √as=√ah «respirar, viver, ser», e asura «possuidor, senhor da vida, productor da vida, o que dispõe dos sopros vitaes».

A raiz de axur é ashar ou axar «caminhar em logar chão, caminhar direito, sem obstaculos», donde «ser feliz, ser forte, ser poderoso.» O trabalho psychico deu os mesmos resultados, mas é differente, e modificou cousa differente na sua origem. A auctoridade em que me fundo para dar a raiz axar é a do sr. Joseph Halévy, sabio israelita assyriologo, que me deu este esclarecimento em Paris.

[2] Compare-se na *ritch* 14 do *hymno* 30, *mandala* IV, já citada, — bṛhataḥ parvatād adhi.

[3] Na *ritch* 18 do mesmo hymno 30, IV.

[4] Nas partes mais antigas do Rik a palavra asura, como ahura no Avesta, designa tudo o que ha maior, nobre, santo diga-se, na concepção árica dos hindus e dos eranianos, excepto nos logares II, 30, 4; VII, 99, 5, onde se trata do subjugamento dos filhos, dos *descendentes*, ou *gente asurica*. O que me confirma na minha hypothese.

E mais ainda:

1.º Indra invocado como asura, no bom sentido, nunca o é, jámais se lhe attribue a *qualidade asurica* (asurja) quando vencedor de Asuras;

2.º Mas possue a *qualidade asurica* (asurja) no hymno X, 105, onde o poeta diz que elle ajudou Kutsa a destruir os Dasyus.

Parece, portanto, haver perfeita distincção entre a *qualidade asurica*, o ser *asura árico*, e o ser *asura não árico*, inimigo, e tanto que talvez reflectidamente se não invoca Indra como asura neste caso.

Careço de introduzir o elemento de ordem de *interferencia estranha, antagonismo ethnico, heterogeneidade liturgica.*

Mas nem interferencia estranha, nem antagonismo ethnico, nem heterogeneidade liturgica podiam influir ao tempo do heroe Indra, e menos ainda depois ao da sua apotheose, porque esses estranhos fossem os áryas persas, já para alem do Cabul, já definitivamente separados dos seus irmãos aryas hindus. Seguindo pois a hypothese a que me leva a coincidencia dos dois textos apontados, vejamos num relance o que era a Assyria no tempo de Tiglath-Pilasar I, isto é, 1150 annos antes de Christo.

O grande imperio estava fechado ao norte e ao nascente por tribus áricas, mais ou menos civilisadas. Mil annos, por certo, antes das grandes *ceifas de homens* no seculo XII a. Chr., por Tiglath-Pilasar I, já o Kurdistão tinha as suas montanhas coroadas de gente árica. Mais de dois mil annos a. Chr., segundo *Beroso*[1], gente descida das terras da Media, áryas ao que parece, tinha conquistado a Babylonia e ahi firmado reino durante mais de dois seculos. Elementos áricos importantes entravam na formação das Arba-Lisun ou «quatro linguas» da antiga Chaldea.[2]

Os assyrios apertavam a norte e a léste contra o mar Caspio os áryas armenios e medas. Ao nascente d'elle havia outras tribus áryas que se estendiam até ao Ferghána.[3]

Parte das tribus, que batidas pelos assyrios acceitavam o jugo, era internada no territorio do imperio e distribuida como escravos pelos habitantes.[4] Parte pagava tributos.[5] Algumas tribus obrigavam-se ao serviço religioso[6], a que era votada a flor da mocidade orgulho de seus reis[7]; outras refugiavam-se nas montanhas escarpadas.[8] Mas Tiglath-Pilasar perseguia os inimigos subindo os alcantis mais elevados, através das florestas escuras onde jámais pisára pé de homem[9]; e do cimo das montanhas despenhava os cadaveres delles, que em turbilhões desciam as correntes qual chuva de mortos.[10]

Era em nome de Axur que o guerreiro assyrio subjugava os povos, que lhes talava os campos, arrasava as cidades, queimava os pastos e apresava os rebanhos.[11] Era elle quem conduzia e levava ás batalhas os exercitos.[12] A sua fama retumbava desde o mar até ao Egypto e alem das montanhas da Armenia.

Ainda setenta annos depois, os reis da Assyria mantinham sob o seu jugo as tri-

1 *Rawlinson* «The five great Monarchies,.vol. II, 373.

2 *Rawlinson,* O. c., vol, II, 374. Cf. vol. I, 61.

3 *Girard de Rialle* «Instructions Anthropologiques» e «Mémoire sur l'Asie Centrale».

4 Inscripção citada, v. *Renan* «Hist. générale des langues sémitiques», pag. 63, 4.ª ed., diz que uma parte da população da Assyria era árica.

5 Inscripção citada, XIV, XV e XVIII.

6 Id., XV, XVI.

7 Id., XXI.

8 Id., VIII.

9 Id., XI, XIII, XXI.

10 Id., VI, XI, XIII.

11 Id., *passim.*

12 Id.

bus dos confins montanhosos do Kurdistão; passavam ao sul do mar Caspio, e, através da Media, penetravam até ao Indo levando diante de si as tribus fugitivas.[1]

A esterilidade crescente, a que o desapparecimento do mar, que outrora cobríra o deserto de Kobí, condemnava as terras do Oxus e Yaxarte, era barreira que obrigava os áryas e as mais tribus fugitivas de tal exterminio, a seguirem na direcção do nascente; levados contra as montanhas que limitam o Tibet, desciam ao sul penetrando nos desfiladeiros do Hindukos. Donde no Pandjab.

Tal é uma das causas que me parece poder assignar para a emigração dos áryas hindus do Pandjab, e das lutas ahi sustentadas. Tal creio ser a origem das victorias de Indra o Asura, vencedor de Asuras. Tal póde ser uma das causas de terem ficado ao noroeste, áryas que não seguiram a evolução brahmanica caracteristica dos que immigraram nas regiões gangeticas, e cuja religião é mais parecida, pelos hymnos exconjurativos do Atharvaveda, com a chaldaica e medica.

Daqui se concluirá que uma parte dos hymnos vedicos, e a sua mais bella mythologia, toda a commum aos áryas-persas, são muito anteriores ao XII seculo antes de Christo. O que é opinião acceita.

1 *Maspero* «Hist. anc.» e outros auctores.

TERCEIRA PARTE

Na breve exposição que precede, deixei, pensadamente, de tocar tres pontos importantes na historia da civilisação árica.

São:

1.° *a)* Origem e emigração da gente árica.

b) Direcção na emigração, logares das immigrações.

2.° *á)* Epocha em que os áryas-hindus (principalmente; por d'estes me occupar especialmente) conheceram a escripta.

b) Epocha da redacção dos seus livros sagrados.

3.° Modo por que estes se conservaram para chegarem até nós.

A—Sobre a origem e direcção das migrações dos áryas (gente árica) a opinião mais arreigada é que partiram dos montes Bolor, do planalto do Pamir.

Kiepert, porém[1], destruindo a idéa de que se encontra no 1.° Fargad do Vendidad, no Avesta, o traçado do caminho seguido pelos emigrantes, deu o primeiro golpe na hypothese pamiriana.

Não me foi possivel estudar, neste primeiro anno, o assumpto como desejo e é mister. Não me occuparei por agora d'elle[2].

[1] «Monatsberichte», Acad. de Berlim, 1856, 621.

[2] Veja-se: *a) Kuhn* «Zur aeltesten Geschichte des indogermanischen Volkes» in *Weber* «Indische Studien». *b) A. Fick* «Vergel. Wörterbuch d. indogermanischen Sprachen» 4 vol. *c) A, Fick* «Die ehemalige

B—Das duas partes d'este ponto a primeira é obscurissima: A segunda dependente d'esta [1].

C—Para ser breve deixarei de parte todos os pormenores que interessam a questão de saber de que modo chegaram até nós, tal como eram conhecidos mais de quatrocentos annos A. Chr., os textos vedicos compostos de hymnos, alguns dos quaes são anteriores bastantes seculos ao seculo XII A. Chr.

Os hymnos eram transmittidos oralmente, de familia em familia, entre os Rixis (os poetas vedicos). Em tempos mais proximos de nós, mas ainda remotissimos, formaram-se differentes escolas vedicas. O ensino era feito oralmente. A vida d'estes homens passava-se a decorar; elles transformavam-se em bibliothecas vivas. Um Vaidika i. e. um *brahmane versado nos Vedas*, um *Doutor Vedico,* sabia de cór tudo o que dizia respeito á sua escola vedica.

Assim, p. ex.: Um Vaidika Rigvedí sabe de cór toda a parte mantra do Veda das Ritchs ou Rigveda (contém 1:028 hymnos; a trad. completa, sem commentarios nem explicação nenhuma, feita por Ludwig, Prag a 1876, fórma 2 vol. in 8.º grande de 1:156 pag. ao todo), sabe de cór todo o Aitareya-Bráhmana, Aranyaka, Kalpa-Sutra e Grihya-Sutra, Nighantu, Nirukta, Tchhandas, Vyákarana ou os oito livros de Pánini sobre a grammatica, Chikxás, Prátichakhya e a parte respectiva de astronomia.

Alem d'isto deve saber de cór os cinco modos de recitar o Rik.

Estes cinco modos de recitar o Rik foram desde tempos remotissimos, e têem sido até hoje, o melhor meio de conservação dos textos vedicos. Graças a essa prática assombrosa de que mal se póde fazer idéa, não se perdeu um verso, nem uma palavra nem um accento; conservou-se a pronunciação rigorosissima até hoje.

Para brevidade e clareza vou exemplificar tomando un súkta qualquer.

Seja II, 3, 1 (*a*)

Transcripta esta primeira parte da ritch em caracteres romanos, é como segue:

Samiddho agnir nihitaḥ pṛ̆thivjām pratjan viśvāni bhuvanānj asthāt

O metro é trixtup (triṣtup). Compõe-se de 4 padas (como transcrevo só metade da ritch temos aqui só 2 padas), de 11 syllabas cada um. Na leitura faz-se a primeira pausa na syllaba vjām e assim no fim de cada pada.

A recitação dos Vedas não é uma simples leitura. Ha uma entoação melodica ou melhor *accentuação melodica* caracteristica. Nos textos, esta accentuação é marcada por dois signaes: um horisontal (-) e subposto, outro vertical (ı) e sobreposto á syllaba respectiva, como se vê na transcripção. Estes signaes denominam-se respectivamente: accento suârita (svarita), accento anudáttatara (anudāttatara) e correspondem em notação musical europea:

suârita:

em syllaba longa, a ; em syllaba breve, a ;

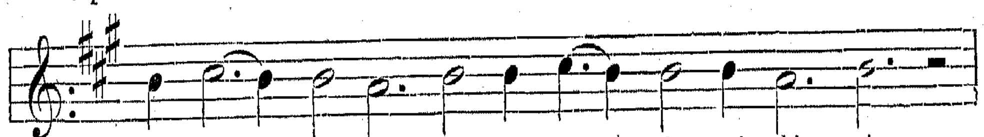
anudáttatara:

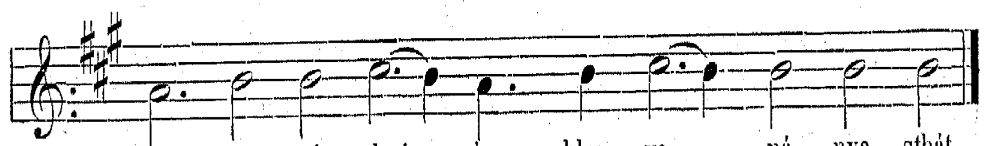
em syllaba longa, a ; em syllaba breve, a ;

As outras syllabas, que não são marcadas na escripta, são recitadas com o som

ou conforme forem longas ou breves.

Assim os dois padas, cuja transcripção precede, devem ser lidos do seguinte modo, pronunciando-se a *lettra* á portugueza, e aspirando o *h:*





Este modo de recitar, segundo as regras do sandhi (da euphonia, ex. a mudança em r do s final de agnis por se lhe seguir a letra n inicial de nihitaḥ e nesta palavra a mudança em ḥ do som final s, etc., etc.), e da accentuação melodica, chama-se sãohitá.

Se as palavras se separam na phrase, e assim em logar de pronunciar-se agnirnihitaḥ se pronuncía cada uma das palavras separadamente agniḥ, nihitaḥ, este modo se chama pada-pátha (recitação das palavras de per si, cada uma, e independentemente da precedente ou da seguinte na phrase).

O texto retro transcripto seria lido segundo o pada-pátha.

sam-; iddhaḥ; agniḥ; ni-; hitaḥ; pṛ̆thivjām;
pratjaḥ; viśvāni; bhuvanāni; asthāt.

Spracheinheit der Indogermanen Europas». *d) Pictet* «Les origines indo-européennes»; a 2.ª ed. deve apparecer breve; Pictet corrigiu ainda as ultimas folhas da 1.ª edição as quaes tive em minha mão. *e) Lassen* «Indische Alterthumskunde» 4 grossos vol. e 1 de 86 pag. *f) Spiegel* «Eranische Alterth.» 2 vol. *g) Muir* «O. S. Text» 5 vol. etc., etc.

Vendo hoje estas provas, dois annos quasi depois de ter escripto o presente relatorio, tenho resistido ao desejo de emendar algumas cousas, dar nova redacção a outras, e ampliar em certos logares, como por exemplo aqui, os limites que o meu menor saber me determinava. Não o tenho feito. E por que este assumpto da emigração e immigração árica é capital, ouso citar ao leitor o meu folheto «Sobre a séde originária da gente árica», á venda em Lisboa, na rua do Oiro, em casa do sr. Ferreira, a cujas expensas foi generosamente publicado; ahi poderá o leitor conhecer o resultado de estudos que ulteriormente fiz.

1 São para mencionar dentre os auctores que tem tratado este ponto: J. Princeps, Lepsius, Weber, Max Müller, Goldstücker, Burnell. Vide *Müller* «H. of A. S. Lit»; *Goldst.*, «Pán.»; *Weber* «Indische Skizzen» e um art. no *Jen. Zeitung,* 1875 n.º 24; *Barth* in *Revue Critique,* 1875, II, 117; *Burnell* «Elem. of S. Indian Palaeogr.»

A sua recitação melodica tambem seria differente; mas não fallarei mais d'esta. Basta que diga é differente em cada um dos cinco modos.

Os tres modos que me restam para explicar são:

Krama, Djatá e Ghana

Designarei por numeros as palavras, seguindo a sua ordem na Ritch, na fórma padapátha: 1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10.

Aquellas mesmas palavras na fórma krama seguiriam esta ordem

1 2 ; 2 3; 3 4 ; 4 5 ; 5 6 ; 6 7 ; 7 8 ; 8 9 ; 9 10 ; 10 iti 10

Este iti designa que 10 é a ultima palavra, e portanto repete-se comsigo mesma. A repetição neste caso chama-se veṣṭana. O vextana faz-se no fim de cada ritch, ou no fim de cada metade da ritch, mais seguidamente. As regras do sandhi applicam-se com rigor a cada grupo de duas palavras Ex. 1 2 = samiddhaḥ; mas 2 3 = iddho agniḥ; 3 4 = agnirni, etc.

Na fórma djatá as mesmas palavras darão:

1 2 2 1 1 2 ; 2 3 3 2 2 3 ; 3 4 4 3 3 4 ; 4 5 5 4 4 5 ; 5 6 6 5 5 6 ; 6 7 7 6 6 7 ; 7 8 8 7 7 8 ; 8 9 9 8 8 9 ; 9 10 10 9 9 10 ; 10 iti 10

Na fórma ghana as mesmas palavras serão dispostas na seguinte ordem:

1 2 2 1 1 2 3 3 2 1 1 2 3 ;
2 3 3 2 2 3 4 4 3 2 2 3 4 ;
3 4 4 3 3 4 5 5 4 3 3 4 5 ;
4 5 5 4 4 5 6 6 5 4 4 5 6 ;
5 6 6 5 5 6 7 7 6 5 5 6 7 ;
6 7 7 6 6 7 8 8 7 6 6 7 8 ;
7 8 8 7 7 8 9 9 8 7 7 8 9 ;
8 9 9 8 8 9 10 10 9 8 8 9 10 ;
9 10 10 9 9 10 ;
10 iti 10.

Esta fórma é composta da djatá a que se junta a 3.ª palavra, e em seguida esta, a sua precedente e a anteprecedente, e estas na ordem conversa de 1 a 3. A esta primeira parte junta-se a segunda, começando com a 2.ª palavra, e formando, com a 3.ª, djatá em seguida ao qual modo vem a 4.ª palavra a sua precedente e anteprecedente e estas tres palavras na ordem conversa de 2 a 4. A esta segunda parte junta-se a terceira, começando com a 3.ª palavra que com a 4.ª fórma djatá, a que segue a 5.ª palavra, e esta, a sua precedente e anteprecedente, e as mesmas tres na ordem conversa de 3 a 5; etc.

Em todos estes modos de ler, sempre que ha duas ou mais palavras em contacto, este é regulado rigorosamente pelas leis do sandhi segundo o Prátichákhya.

A alguem póde parecer, porque assim o pensou um dos maiores orientalistas [1], que estes modos de recitar são ridiculamente supersticiosos. Em verdade dois bastam, o pada-pátha e o krama, alem do modo sãohitá. Mas, quer supersticiosos, quer não, a elles devemos a exactidão dos textos como não existe em nenhuma outra litteratura.

O grande orientalista francez, Adolpho Regnier, fazendo a analyse dos capitulos x e xi do Prátichákhya do Rik, diz que o krama-pátha é «très-efficace pour la conservation du texte sacré dans toute sa pureté, et très-propre à appeler l'attention, par un rapprochement immédiat, sur tous les faits remarquables de phonétique, de quantité, d'accentuation [2]».

Uma das grandes vantagens do krama é obstar a que a ritch se altere pela fórma pada-pátha no caso de *tmese*. Ex.: *Rgv.* v, 2, 7.

Outra é: que sendo a accentuação differente nas palavras consideradas isoladamente, de per si, a fórma pada não preserva a accentuação propria da ritch; o que faz a fórma krama, porque é a combinação da fórma sãohitá e da pada, e portanto conserva a accentuação das palavras, em cada uma de per si, e a phrasica ou da ritch.

A leitura, ou recitação krama é a crítica por excellencia da exactidão do texto [3].

Ao terminar aqui este meu relatorio, sinto-me possuido do receio de que, V. Ex.ª e o paiz, julguem elle não satisfaz ao que era de esperar dos estudos de um anno.

Mas saiba V. Ex.ª, e o paiz, que durante quasi cinco mezes, de fins de outubro até quasi a fim de março, o meu estudo foi feito no meio de soffrimento, terrivel nos mezes de janeiro e fevereiro. Por outro lado a doença do meu querido professor e amigo, o sr. dr. Haug, não lhe permittiu dar ao seu ensino os cuidados merecidos e que elle, ninguem melhor, sabia dar.

Elle era um homem que se finava; eu um homem que se tornava anemico. Envelheci em cinco mezes mais de cinco annos.

Quando regressei a París em fins de abril de 1876 cuidei dos meus estudos immediatamente, ao mesmo tempo que da minha saude. Mas esta não m'o permittiu mais alem de junho. Em julho comecei a tratar seriamente de combater o mal que

1 *Colebrooke,* a pag. 18 do 1.º vol. dos «Essays».

2 «Études sur la Grammaire védique» in J. A. outubro, novembro 1857.

3 Sobre toda esta parte que respeita á accentuação e leitura pelas cinco differentes formas vejam-se os Prátichákhyas (de *Regnier, Weber, Müller, Whitney),* as theorias sobre accentuação (de *Bopp, Aufrecht, Benfey* etc.) e especialmente a do meu professor *Haug* «Ueber das Wesen und den Werth des wedischen Accent» Munich, 1873.

Na 2.ª ed. da Grammatica sãoskrita de Max Müller, uma das melhores que conheço, a mais methodica talvez, de pag. 286 a 293 se encontrará uma bem elaborada exposição do accento em sãoskrito. Müller não segue exactamente Haug, mas a differença é de pequenissima importancia. Consulte-se ainda um pequeno artigo, mas excellente de *Ramkrishna Gopal Bhandarkar* «The Veda in India» em o n.º xxx do jornal de Bombaim «Indian Antiquary».

me ia minando. Consegui-o. Hoje sinto-me outra vez robusto, e cheio de enthusiasmo para proseguir os estudos encetados.

Sirva-me o proverbio sãoskrito de escudo «Todo o começo é exiguo»: alpārambhaḣ kṣema-karaḣ. Que me serve de norma o outro bem conhecido pelos contos de Somadeva:

prārabhjate na khalu vighna-bhajena nīkæḣ;
prārabhja vighna-vihatā viramanti madhyāḣ;
vighnæh sahasra-guṇitær api hanjamānāḣ,
prārabdham uttama-guṇā na pari-tjaġanti.

«Os fracos nada principiam por medo das difficuldades; os mediocres, vencidos por ellas, deixam de proseguir, depois de terem começado; mas os que são dotados de optimas qualidades não renunciam á obra emprehendida, embora milhares de difficuldades os contrariem».

No anno findo fez parte do meu trabalho o estudo de Sáyana e de Pánini e o dos elementos da lingua *zenda*. Dediquei-me especialmente ao estudo dos hymnos vedicos e da historia das civilisações antigas do oriente, em particular da India.

No anno que decorre faz parte do meu trabalho a continuação do estudo da lingua *zenda*, de Sáyana e Pánini, sob o ponto de vista philologico e historico. Dedicar-me-hei especialmente ao estudo da historia da India antiga.

Para meu proprio uso traduzi os elementos de grammatica sãoskrita de Stenzler e compilei uns logares selectos a que escrevi um vocabulario por disposição de raizes. Com os estudos d'este anno, poderá este humilde trabalho talvez ser util a outrem, que não a mim só.

Se V. Ex.ª e o governo de Sua Magestade assim o julgarem, e me couber a honra de se ordenar a sua impressão, activarei o seu aperfeiçoamento.

Tenho a honra de assignar-me

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Conselheiro João de Andrade Corvo, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros e dos da Marinha e Ultramar.

De V. Ex.ª

Creado muito respeitador

Paris, 15 de janeiro de 1877.—Rue de Rennes, 89.

G. de Vasconcellos Abreu